

Reino de Deus



CEI SUPLEMENTO N.º 6

DEZEMBRO — 1973

Publicação de **Tempo e Presença**
Editora Ltda.

Registrado de acordo com a
Lei de Imprensa

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Domicio Pereira de Mattos

REDATOR:

Carlos A. C. da Cunha

CORPO: REDATORIAL:

Rubem A. Alves

Ana Vitória de Toledo Barros

Elter Maciel

Hugo Paiva

Jether Pereira Ramalho

DIAGRAMADOR:

Hamilton Francischetti

IMPRESSÃO:

Princeps Gráfica e Editora Ltda.
Rua Teodoro da Silva, 574

Distribuído aos assinantes
do CEI

Assinatura anual: Cr\$ 30,00
Cheque pagável no Rio de
Janeiro em nome de:

Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal, 16.082 — ZC-01
20.000 RIO DE JANEIRO, GB

Preço do exemplar avulso:
Cr\$ 3,50

ÍNDICE

EDITORIAL 1

ESTUDOS

Carlos Mesters

“Para Que Tenham Vida
e Vida em Abundância” 2

Paulo César L. Botas

O Reino de Deus:
As Alegorias de um Pro-
cesso Histórico 9

M. Porto Filho

“Venha o Teu Reino” 13

Leonardo Boff

“...Faço Novas Todas as
Coisas” 18

DOCUMENTO

Entrevista:

**Missionário Manoel de
Mello** 27

"E o Verbo se fez Carne e habitou entre nós.

O Reino de Deus se fez carne.

Um natal a mais será apenas festa e preocupação de festa?

Há saudações, enfeites, presentes; e a gana-de-vender dá à luz o
monstro-de-consumir.

Mas ainda é festa nem que seja uma festa que não é só de livres
e sim também, de escravos.

Mesmo assim é festa, "habitou" é linear, isto é, começou e não
para: está habitando.

Por isso não é apenas mais um natal, porém o Natal perene: está,
habitando e gerando as tensões do novo versus velho,

do livre versus prisioneiro,

do alegre versus triste,

do exaltado versus humilhado.

Por isso também não é apenas festa, mas permanente festa.

Acumulam-se as tensões das festas que se apagam diante da Festa.

O Reino de Deus se vai fazendo carne, vai-se fazendo Reino do
Homem (Deus-Homo).

E desde que se fez carne, há Herodes à beça, entre cínicos e
assustados, querendo ver onde foi, para adoração-destruição.

Impossível. Matem-se milhares de inocentes e haverá milhões de
presépios em milhares de Beléns.

"...e habitou entre nós."

Inarredável, inevitável, invencível.

Interminável,

a criar sempre novas tensões até o Fim do Mundo e o advento
do Meio Divino de Teilhard Chardin, na marcha incrível
dos nenéns belemitas para o ômega, desde o Alfa.

O Reino de Deus se fez Carne.

Já me ia esquecendo da importância deste editorial: Apresentação.
Tenho a honra de apresentar-lhes, leitores trimestrais:

Frei Carlos Mestres, o admirável estudioso da Bíblia e renovador
dos estudos bíblicos (Círculos Bíblicos). — Da Ordem dos Carme-
litas.

Frei Leonardo Boff, o teólogo do Cristo Libertador, que fez a uns
"re-pensarem" quase tudo, e a outros ficarem para trás, morden-
do-se. — Da Ordem dos Franciscanos.

Frei Paulo César, nosso mais constante e eficiente colaborador,
jovem, agudo, penetrante e, às vezes, incômodo ("...os que trans-
formaram o mundo chegaram até nós"). — Da Ordem dos Do-
minicanos.

Rev. Manoel Porto Filho, professor das Escrituras, poeta de fina
lavra (a ele têm faltado editoras e tribunas e lhe oferecemos a
nossa). Presidente da Confederação Evangélica do Brasil. — Da
Ordem (só para manter a "ordem") dos Evangélicos Congregacio-
nais.

Missionário Manoel de Mello, também da Confederação Evangélica
e da CESE, vice-presidente em ambas. Um documento-entrevista,
vibrante, espontâneo, incarnado. — Da Ordem (!) dos Pentecostais
(Movimento o Brasil para Cristo).

Neste número, nossas páginas e aceitaram.

O Reino de Deus se fez carne e está habitando entre nós. Aleluia.



estudos

“PARA QUE TENHAM VIDA E VIDA EM ABUNDÂNCIA”

Carlos Mesters

**SOBRE
O
ANÚNCIO
DO
REINO
DE
DEUS**

Antes de a Bíblia falar de Abraão e do povo hebreu, ela fala de Adão e da humanidade (Gn 1-11). E quando, no capítulo 12, começa a descrever a história da salvação do povo bíblico, ela não a desliga da história da humanidade. Abraão é chamado em vista do bem de todos: “Todas as famílias da terra serão abençoadas em ti” (Gn 12.3).

Para a Bíblia, a Palavra Salvadora que ressoa ao ouvido e no coração de Abraão e de todos nós não é como um chapéu ou

como uma peruca que se coloca em cima da vida humana. A Bíblia não admite duas estradas distintas, uma da Palavra Criadora e outra da Palavra Salvadora. A estrada é uma só para todos. Uma única origem e único destino envolve tudo e dá a tudo o seu rumo e sentido. Criação e salvação se confundem: Deus salva com poder criador, Deus cria para salvar.

Este ponto é da maior importância para se formar uma idéia exata sobre o Reino de Deus que Cristo e o cristão anunciam ao mundo.

A "BÊNÇÃO" DA VIDA

De todas as coisas que Deus criou só uma recebeu a bênção divina: foi a vida humana (Gn 1.28). Bênção ou **bem-dição** é o oposto de **maldição**. Deus criou a vida e a abençoou, e foi uma bênção que pegou, pois a Palavra de Deus nunca volta atrás, sempre realiza o que quer e pretende (Is 55.10,11). Essa bênção divina atua agora dentro da vida humana, onde quer que esta se encontre, na China ou no Brasil, em Israel ou entre os árabes, entre budistas ou cristãos, entre crentes ou ateus.

A vida humana foi criada e **bem-dita** por Deus para ser vida, para perpetuar-se sobre a terra e nunca ser tragada pela morte, para dominar tudo e colocar tudo a serviço da vida (Gn 1.28-30), para ser "vida em abundância" (Jo 10.10).

Esse é o nosso destino, impresso no nosso ser e na nossa vida, como carimbo indelével. Destino que é anterior a nós mesmos, como a fonte é anterior à água que dela nasce. Como o motor do ônibus, que fica atrás e que empurra tudo para a frente. A esse destino devemos a existência. A bênção de Deus que atua na vida é a raiz invisível da esperança universal: "Apesar de tudo, a esperança não se desfaz".

A "MALDIÇÃO" DA VIDA

Mas o homem não assumiu o volante, e decaiu da vida. Em vez de "dizer bem" à vida, "disse mal" à vida. Maldisse a vida, negando a sua origem e o seu destino, como flecha em pleno vôo que nega o arco e o alvo. O motor continua ligado, a bênção continua atuando, mas sem volante. Desgovernou-se o rumo da vida e tudo se tornou ambivalente (Gn 3.14).

A morte e as forças da morte levantaram a cabeça e tentam agora abafar a vida. Basta olhar o mundo: Caim continua matando Abel. Usa até bombas e metralhadoras. Lameque continua vingando setenta vezes sete (Gn 4.24) e não tem mais condições de acreditar numa possível boa vontade e arrependimento do outro. A desconfiança tornou-se a estrutura da convivência entre os povos. A superstição e a magia continuam enchendo o vazio que apareceu na vida, envenenando o relacionamento e matando a fé. Invocam "os filhos de Deus, para que se misturem com as filhas dos homens" (Gn 6.1-4), provocando assim o dilúvio que ameaça a ordem das coisas. A opressão e o domínio totalitário continuam esmagando, da maneira mais sofisticada, a vida humana, enchendo tudo de uma confusão, maior do que aquela da torre de Babel (Gn 11.1-9). O homem tenta cobrir a sua nudez, mas não o consegue (Gn 3.7).

O homem decaiu da vida, roçou sobre si uma "maldição" (Gn 3.17) que impede "a bênção chegar ao seu destino".

LUTA DE VIDA E DE MORTE, E A PREVISÃO DO SEU ÊXITO FINAL

Uma luta gigantesca envolve a existência humana. A nossa situação atual é apenas um episódio nesta luta. A luta começou antes de nós e continuará depois de nós. Mas o êxito vai depender da posição que nós tomarmos neste combate.

De um lado, está a vida e a força da vida, acionada em nós pela Palavra Criadora que nos empurra a fazermos a vida crescer e desabrochar plenamente em todos. Do outro lado, está a morte e a força da morte, acionada pelo homem que não respeita a vida e que tenta submeter a vida aos seus projetos que ignoram a origem e o destino da vida. É a luta entre a "bênção" e a "maldição". As duas atuam dentro do homem que ocupa o lugar ao volante do carro da vida. Ele é livre e responde pelos seus atos. Ele pode optar a favor ou contra a vida. Pode abrir-se para o outro e fechar-se sobre si. É a luta entre a mulher e a serpente (Gn 3.15).

A previsão humana do êxito final desta luta é a mais pessimista possível. Humanamente falando, quem vai ganhar e já está ganhando, é a maldição. É a força da morte que enche tudo de opressão. Usando as forças da vida que vêm da bênção de Deus, o homem as transforma em armas de morte. Ele tornou-se tão forte que conseguiu criar uma estrutura do mal que agora o domina e oprime. Ninguém consegue evitar os males. As guerras, as injustiças, a fome, tudo nasce como de uma necessidade inevitável e não há quem responda por elas. A maldição que o homem rogou sobre si tornou-se mais forte do que ele mesmo. Ela agora possui o homem.

Não há solução, não há salvação, não há libertação que possa vir só do homem. Tudo o que ele faz é ambivalente, porque ele mesmo se tornou ambivalente, pois perdeu o olhar que faz enxergar. Desligado da sua origem e do seu destino, perdeu o sentido e o rumo da sua existência. Tudo o que ele faz em nome da libertação ameaça cair numa opressão maior. A história o comprova.

O PECADO DE ORIGEM QUE CRISTO VEIO TIRAR DO MUNDO

Há um pecado que está na origem de tudo isso. O pecado original. O homem, isto é, Adão, desligou-se de Deus. Quando dois homens já não mais percebem que têm o mesmo pai, eles também já não mais percebem que são irmãos um do outro. A fraternidade humana universal tem a sua raiz no fato de todos terem em Deus a mesma origem e o mesmo destino, o mesmo Pai.

Adão desligou-se de Deus e até hoje continua se desligando. Por isso, os seus filhos, Caim e Abel, já não percebem que são irmãos e se matam entre si. É disso que nasce toda a **des-graça**. Pois a **graça** é perceber que Deus é Pai. **A vida precisa desta graça para poder ser vida**, e vida em abundância. Do contrário, ela acaba na morte, na sombra da morte e na desgraça. Esta **graça** é a raiz gratuita de onde nasce uma nova visão sobre a vida e um novo tipo de ação sobre o mundo. Ela dá olhos novos para ver.

Cristo veio restituir-nos este olhar, veio dar-nos esta graça, veio tirar a maldição e o pecado que está na origem da desgraça. Veio reafirmar a bênção do Deus criador sobre a vida humana.

OS CAMINHOS DA LUTA ENTRE A "BÊNÇÃO" E A "MALDIÇÃO"

Em Abraão, a Palavra Criadora levantou novamente a cabeça, para que a "bênção" de Deus chegasse de novo ao alcance de todos (Gn 12.3). Ela quer levantar a cabeça em todos nós. Abraão foi em frente, para nos orientar e dar consciência daquilo que está acontecendo na vida.

Toda a história da salvação, descrita na Bíblia, mostra como foi séria a bênção de Deus e como é irrevogável o compromisso que Deus assumiu com a vida humana. A Palavra que ressoa no ouvido e no coração de Abraão e de todos nós: "Sai da tua terra e vai para a terra que eu te mostrar" (Gn 12.1), é a Palavra Criadora que agora assume a forma de uma Palavra Salvadora e Libertadora. A Palavra Salvadora quer acordar, reforçar e estimular as forças da vida, para que enfrentem e vençam a morte e as forças da morte que se instalaram na vida.

Uma vez que a vida foi abençoada por Deus, Deus não quer que ela seja tragada na morte. Uma nova terra e um novo povo devem ser formados (Gn 12.1, 2), onde a bênção de Deus possa adubar a vida e fazê-la florescer em plenitude. Na atitude do Abraão de sempre, já dá para prever o êxito final da luta, quando o homem se faz o aliado de Deus: Ele pensava (e ainda pensa) "que Deus é poderoso até para ressuscitar alguém dentre os mortos" (Hb 11.19).

O REINO DE DEUS SE AFIRMA E APARECE NA VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

O Reino de Deus é aquilo que acontece na vida humana, quando Deus começa a reinar e a tomar conta de tudo; quando a vida começa a ser aquilo que Deus teve em mente no momento em que a criou e abençoou.

A Palavra que, no princípio (Jo 1,1), tudo criou e abençoou, e que apareceu como Palavra Salvadora e Libertadora em Abraão e na história do povo hebreu, se fez carne e conviveu entre nós como irmão, em Cristo (Jo 1.14). Em Cristo, aparece finalmente alguém, em que Deus pôde reinar e tomar conta de tudo, até à raiz do ser humano. Nele aparece o Reino de Deus em sua plenitude. Nele aparece a "bênção" de Deus vencendo a "maldição", restaurando a vida, ligando-a de novo à sua origem e ao seu destino. Ele é o próprio Deus, vivendo a vida humana como deve ser vivida.

Nele aparece, aos olhos de todos, o que acontece na vida, quando Deus toma conta e começa a reinar. É a vida humana plenamente humana, lutando contra a morte e as forças da morte. Em Cristo, a bênção de Deus tomou a dianteira e venceu a maldição. Mas venceu na contradição. Num último e supremo esforço, a maldição tentou vencer a bênção, matando o Cristo, eliminando a **graça**. Se Cristo tivesse ficado na morte, teria chegado ao fim a esperança da vida. Seria a desesperança total e a desgraça final.

Seria o fim da história e a vida teria perdido o seu sentido para sempre. Pois seria vida destinada a terminar na morte.

Mas Cristo ressuscitou! A ressurreição de Cristo é a confirmação da bênção divina sobre a vida. Ela mostra que a vida abençoada por Deus é mais forte do que a vida amaldiçoada pelo homem. A bênção vence a maldição. A graça vence a desgraça. Na sua raiz, a vida é vitoriosa, esta nossa vida humana que todos vivemos, sabendo ou não que ela vem de Deus.

Cristo veio explicitar plenamente, para todos nós, o sentido da vida. Ele veio explicitar a aspiração que está atrás dos nossos olhos e que anima pelo lado de dentro a esperança que todos temos. A esperança que todos têm e que, por vezes, não se explica nem se explicita, vem do fato de que a vida, por ordem do Criador, é mais forte do que a morte. Vem do fato de que Deus e a sua bênção são mais fortes do que o homem e a sua maldição.

Caim continua matando

Abel, usa até bombas.

**Quando os homens não
percebem o mesmo pai,
não percebem que
são irmãos.**

**Apelam para a Palavra
Salvadora, desligada
da Palavra Criadora.**

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA E O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

A interpretação cristã da Bíblia e o anúncio do Reino partem da fé de que tudo foi criado por Deus, para Deus, e de que está em andamento na história humana um misterioso designio, pelo qual Deus reconduz os homens todos para casa, para dentro de si mesmos, a fim de encontrarem, lá na origem da sua existência, o Autor e o destino da sua vida. Ela parte da fé de que a "letra" se abre para o "Espírito" e de que a "criação" está destinada para a "salvação" em Cristo. A interpretação cristã da Bíblia e o anúncio do Reino procuram tirar o véu que encobre a realidade, e revelar, assim, que nós homens vivemos alienados de nós mesmos, porque vivemos alienados e desligados da nossa origem que é Deus. O objetivo e a finalidade última do anúncio do Reino é fazer a ligação desse mundo antigo e caduco com o mundo novo e futuro de Deus; é reintegrar todas as coisas em torno do homem e reintegrar o homem em Deus, porque é só em Deus que o homem poderá encontrar-se plenamente consigo mesmo e ser o que deve ser. Noutras palavras, o anúncio do Reino procura desenterrar, do fundo da memória da humanidade, uma saudade que lá ficou e a qual o homem não sabe mais de onde veio.

Com efeito, em todos nós existe um carimbo, meio apagado, mas existe. É o carimbo de Deus. Criada por Deus e para Deus, a humanidade sente a saudade da sua origem e a atração do seu destino, sem conseguir defini-las exatamente, pois delas não tem mais lembrança. A memória dorme no fundo da consciência, à espera de quem possa acordá-la e transformá-la de

novo em esperança. Esta saudade é anterior a nós mesmos. Ela faz do homem um eterno insatisfeito, sempre à procura de algo que fica além do horizonte que tem em frente. Ela faz nascer no homem a eterna pergunta sobre o sentido da vida, pergunta que permanece em pé nas respostas que lhe damos.

Anunciando a Boa Nova do Reino, Cristo veio desenterrar a saudade e, pela sua ressurreição, transformou-a, definitivamente, em esperança.

Por isso, o anúncio do Reino, no fundo, nada mais é do que uma nova interpretação da realidade, feita à luz da nova visão que o cristão recebeu de Cristo e da sua ressurreição. A interpretação cristã da vida, se for realmente cristã, poderá prestar um grande benefício à humanidade. Reconstituo, pela interpretação, os traços rasgados e perdidos do rosto de Deus que existem na vida, ela oferece à humanidade um espelho, no qual os homens poderão reconhecer algo de si mesmos, algo da sua origem e da esperança perdida. São Paulo diz que todos os homens, estimulados pela sua origem (pois somos todos da raça de Deus), "procuram a Deus e se esforçam por encontrá-lo, como que às apalpadelas, pois na verdade Deus não está longe de cada um de nós. Porque nele vivemos, nos movemos e existimos" (At 17.27,28). Apesar de não terem mais memória clara da sua origem, os homens dela conservam uma saudade que é mais forte do que nós mesmos. E quando alguém, imitando

Cristo, nos apresenta os traços do rosto desse Deus, então, forçosamente, a saudade se ilumina e se transforma em esperança. A memória acorda e vamos reconhecer o rosto: "Já o devo ter visto, não sei bem aonde!"

Por isso, os homens não encontrarão na interpretação cristã da Bíblia e da vida e no anúncio do Reino algo totalmente estranho e desconhecido. Pelo contrário, irão encontrar aí a formulação inesperada de uma das suas mais profundas aspirações, abafadas, durante séculos, pela maldição e pela desgraça. Ião encontrar aí algo de si mesmos, a devolução de algo que lhes foi roubado. Receberão aí o Estatuto da verdadeira humanidade, a Declaração dos direitos e deveres do homem feliz. Reencontrarão dentro de si a luz e a graça da Palavra Criadora, para orientá-los na luta em favor da vida.

AS REALIZAÇÕES PRÓVISÓRIAS DO REINO

Esta dimensão divina da vida humana nos foi revelada. Ela não é o resultado de um cálculo científico, mas aparece na chapa do raio-X da fé, que faz ver o que os olhos da ciência não conseguem enxergar.

A marcha do Reino de Deus é a marcha da luta entre a bênção e a maldição, entre a graça e a desgraça. Os cristãos que tornaram consciência desta dimensão da vida humana, devem torná-la verdadeira e razoável

pela vida que vivem. Devem mostrar na sua vida aquilo que acontece na vida dos homens, quando a bênção começa a vencer a maldição e quando Deus começa a tomar conta da existência. Eles são a carta que Deus escreve aos homens (2 Co 3.3). Eles continuam a caminhada de Abraão, levando a bênção a todas as famílias da terra (Gn 12,3).

Eles terão de combater sempre a maldição, de onde quer que venha, de fora ou de dentro. Terão de estruturar a vida humana de tal maneira que venha à luz o sentido que a vida recebe de Deus, a fim de poder ser mais vida, vida em abundância. Mas terão de lembrar sempre: Tudo o que fizeram, nada mais é do que uma realização provisória e uma antecipação gratuita da esperança final. A resposta que forem dando durante a vida jamais conseguirá eliminar o dinamismo da pergunta em torno da vida. Pelo contrário. A resposta deverá aprofundar cada vez mais o alcance da pergunta e a sua densidade. Na hora em que os cristãos chegarem a criar uma estrutura em que desapareça a insatisfação da pergunta sobre o sentido da vida, tal estrutura deve ser considerada como a expressão da maldição, disfarçada como bênção. Pois faz o homem parar na estrada, faz com que se acomode nas suas conquistas, faz com que confunda as suas idéias com o plano de Deus, reduzindo Deus ao tamanho mesquinho do homem fechado sobre si mesmo.

Nas coisas que a Igreja faz, há muita mistura de bênção e de maldição. Por exemplo, na certeza demasiada que procuramos em doutrinas. É uma expressão da nossa insegurança que procura uma segurança, onde não deve ser procurada. Em vez de procurá-la em Deus, procura-a nas idéias sobre Deus. E

às vezes não percebemos que as idéias sobre Deus, por mais exatas que sejam, de há muito já se desligaram de Deus, como galhos cortados da árvore.

A construção do Reino é um penoso esforço que o homem terá de fazer e que começa dentro dele mesmo, nos seus olhos. Deverá estar atento em nunca absolutizar a sua idéia com que encara o mundo e a vida. Foi o que fizeram os fariseus e foi por isso que eles não chegaram a reconhecer a Palavra que se incarnou em Jesus Cristo.

O penoso esforço que fazemos hoje é a dor do parto que faz nascer o Homem Novo do amanhã.

A atitude que muitos cristãos tomam na vida não está de acordo com a visão que a Bíblia nos apresenta. Eles não fazem com que a Palavra Salvadora seja o prolongamento e o coroamento da Palavra Criadora. Desconsideram a vida, desconsideram o homem. Só apelam para a palavra salvadora, desligada da palavra criadora. Só sabem repetir frases da Bíblia e doutrinas decoradas, e não olham o cabide da vida onde devem ser penduradas. Transformam a salvação em peruca, que nunca se transforma em cabelo lindo a embelezar o corpo da esposa de Cristo. Fazem da salvação, uma casa sem alicerces. Penduram a mensagem do Reino numa parede onde não há pregos. Despejam a comida onde não há pratos. A graça que querem comunicar já não supõe a natureza. Com isso, se desviam de uma longa tradição que vem desde o começo da Bíblia.

O REINO DE DEUS:

AS ALEGORIAS DE UM PROCESSO HISTÓRICO

Paulo César L. Botas

"O Reino de Deus é como o grão de mostarda..."

(Mt 13.31)

"O Reino de Deus é comparado ao fermento..."

(Mt 13.33)

"O Reino de Deus é semelhante a uma rede..."

(Mt 13.47)

Todas as tentativas realizadas para adaptar as alegorias das parábolas do Reino numa "linguagem popular" reduziram a vitalidade das mesmas por usarem imagens pobres, carregadas de uma interpretação subjetivista, abstrata, que aniquilava a virulência da sua proposição e a

responsabilidade que implica, historicamente, a construção, aqui e agora, deste Reino de Deus, que, como evocam as alegorias de Mateus, é **um processo**. E um processo que já está existindo e que nos desafia, como homens datados, a responder a ele ou não.

Dentro desta perspectiva, gostaria de alinhar certas reflexões.

1. O REINO DE DEUS É UM PROCESSO

Basta ter um pouco de sensibilidade para se sentir atingido pelas metáforas continuadas que nos desvendam este emergir processual do Reino de Deus. Poderíamos fazer uma leitura meramente da ordem da "natureza" e isto nos levaria a uma constatação **sincera** de que o Reino de Deus já existe na "natureza" e, como as coisas da natureza, ele crescerá independente das nossas atitudes e opções. Por outro lado, se nos debruçarmos um pouco mais, veremos que este Reino de Deus está na **História** dos homens e que por isso mesmo ele exige de nós algo que vai além da nossa sinceridade subjetiva mas que chega mesmo à raiz do nosso ser: **a nossa responsabilidade política**.

Para que não caiamos, como tantos outros, num jogo lógico de palavras, num labirinto de "subjetividades e objetividades" vamos explicitar o que afirmamos acima.

1.1. O Reino de Deus é um processo "natural".

Se partimos deste pressuposto, as nossas atitudes serão evasivas e de uma contemplação do "mundo natural" onde acontecem as coisas, misteriosamente, e mais, aonde está "escondido" o Reino de Deus. E na nossa subjetividade poderemos "sentir" "espiritualmente" esta sensação de "pertencer" ao "plano de Deus". Onde Deus brinca conosco de esconde-esconde. Onde nunca teremos critérios para determinar a manifestação deste Reino. Ele sempre se situará no nível de "conceitos universais", da imagem "evangélica" de Deus, do homem e da sociedade, superando o âmbito das opções históricas, das racionalidades políticas antagônicas e

encontrando sua validade nestes mesmos "conceitos universais" e não na análise racional política das contradições históricas. Procuraremos "harmonizar" as "realidades humanas" e "naturais" para que nelas possa "frutificar" o "mundo dos valores do Evangelho". Isto possibilita afastar a análise do tipo de relações sociais gerados pelos sistemas de produção; para "moldar" os homens num modelo abstrato e antecedente do próprio homem e sociedade que "deve ser" afirmado e realizado. Falamos, de fato, do **Plano de Deus**. E isto tudo é legitimado pela ideologia que tem a função de "naturalizar" as coisas historicamente produzidas. Por exemplo, os conceitos de Fraternidade, Liberdade e Igualdade, produzidos pela revolução burguesa, num momento determinado da história francesa, foram "naturalizados" como conceitos universais, "cristãos" e que já se encontram "naturalmente" no Evangelho. Ora, basta abrirmos o Evangelho para vermos que o Cristo dirige, diretamente, a pessoas concretas e determinadas a sua BOA-NOVA, sem nunca propor-lhes a Fraternidade, a Liberdade e a Igualdade como "valores universais".

**O Reino de Deus
é uma realidade vivida
aqui e agora,
num aqui e agora
não fixista,
poderão existir outros
"aquis" e "agoras"**

1.2. O Reino de Deus é um processo histórico

O Reino de Deus é um processo que está imerso na História dos homens, onde são criados os "novos mundos". Por isso a BOA-NOVA é desafiadora permanentemente: **ela nos revela o desafio de homens determinados historicamente de uma maneira concreta.** E isto diz respeito ao mundo da nossa responsabilidade política, isto é, aceitando a primazia fundamental do homem concreto sobre o homem abstrato; da existência sobre a consciência, da história sobre os valores "eternos" e "imutáveis". A responsabilidade não na sua redução "moral" mas a do homem concreto enquanto produz e forja a sua própria existência encontrando seu sentido nesta "praxis" social, que lhe revela a sua realidade contraditória e conflitiva.

É porque o Reino de Deus está imerso na História que ele não pode ser conceitualizado em categorias universais, pré-estabelecido em modelos, porque ele é criado à medida que se cria ou não a história dos homens. Por isto "o cristão" não é significativo para a "praxis" social mas sim a "praxis" social significa-

tiva para o cristão. Este Reino é atingido por todo o que é preocupado e comprometido com a justiça e com sua efetivação vivida na tensão do presente e do futuro. O Reino é uma realidade vivida aqui e agora, mas num aqui e agora não fixista, porque poderão sempre existir outros "aquis e agoras". O Reino de Deus é esta presença do absoluto de Deus na história dos homens, é esta presença de apelo à transformação histórica porque a história é vivida na relatividade da produção do mundo e dos homens. O Reino de Deus é este apelo constante ao discernimento dos homens para que agindo na história transformem-na para o bem de todos. O Reino de Deus é um processo coletivo, é o processo dos homens que vivem coletivamente a sua história e suas relações de produção. O Reino de Deus é um dom gratuito (Mt 20.1-16; 22.9-10) aceito pelos humildes (Mt 18.3-4; 19.14, 23-24) e rejeitado pelos poderosos e egoístas (Mt 21.31, 32.43; 22.2-8). Portanto o Reino de Deus é um reino não de boas intenções mas um reino onde homens concretamente determinados tomam ou não, coletivamente, uma atitude responsável. Nós falamos então do **Desígnio de Deus**, do Reino de Justiça.

2. O REINO DE DEUS: O REINO CONSTRUÍDO PELA VIDA TEOLOGAL.

O elan permanente da construção do Reino é o Amor. Mas no seu processo histórico este Amor é dimensionado em duas perspectivas: a primeira, a da Fé, que é o **amor como convicção**; a segunda, a da esperança, que é o **amor como política.**

A fé, — o amor como convicção —, diz respeito ao aqui e agora. Pois ela fundamenta a

nossa convicção de que a nossa responsabilidade na transformação do mundo está legitimada pelas análises que fazemos da sociedade determinada em que estamos inseridos.

A fé exige de nós assumirmos e trabalharmos com as categorias que, historicamente, as ciências humanas nos oferecem.

Ela implica uma definição ideológica. Pois é a racionalidade que assumimos para a análise da história que determinará a nossa prática e nossa atuação.

A esperança — o amor como política — diz respeito ao futuro do Reino e da História e nos faz assumir uma atitude de resistência diante da morte que vemos no mundo em que vivemos. É a esperança que nos faz lutar, no aqui e agora, para que o mundo seja impregnado de vida mas de uma vida que atinja todos os homens na sua totalidade e não mais e tão somente a sua “espiritualidade”.

A vida implica a justiça e a justiça implica que ela seja vivida por todos os homens e para todos os homens. A justiça não é interior à nossa subjetividade, ela é coletiva, historicamente produzida.

O Reino de Deus é o reino onde o amor será a força de aniquilação de toda a fé e de toda a esperança. E isto se realizará quando todos os homens de boa-vontade, construírem a paz na terra e poderem com isto mergulhar no absoluto de Deus e na plenitude de Jesus Cristo, superando assim todas as contradições no seu processo histórico, onde falsos absolutos: ideologias, normas éticas, instituições, totalitarismos, ditaduras, etc. tomaram o lugar de Deus e foram denunciados pelos profetas como **idolatrias**. Mas isto só será possível à medida que saibamos, responsavelmente, que Cristo quer reinar através do testemunho dos seus discípulos. (Ap 12. 17ss; 14ss, 19,9ss; 7,12ss).

Então um dos anciãos falou comigo e perguntou-me:

Esses que estão revestidos de vestes brancas, quem são e de onde vêm?

Respondi-lhe:

“Meu Senhor, tu o sabes.”

E ele me disse:

“Esses são os sobreviventes da grande tribulação

lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro.

Por isso estão diante do trono de Deus

e o servem dia e noite no seu templo.

Aquele que está assentado no trono os abrigará em sua tenda.

Já não terão fome nem sede,

nem o sol ou calor algum os abrasará,

porque o Cordeiro que está no meio do trono será o seu pastor

e os levará às fontes das águas vivas;

e Deus enxugará toda lágrima de seus olhos.”

(Ap 7.13-16)

Do Pai nosso
sai o mais intenso apelo :

" VENHA O TEU REINO! "

M. Porto Filho

1 Santificado seja o teu nome é a palavra da humildade. Venha o teu reino é a palavra da esperança e da consagração. Que reino é esse pelo qual oramos, pedindo que venha? Muito se tem escrito sobre ele e pregado a seu respeito. No entanto, se desejamos, na realidade, compreender o significado próprio da expressão **Reino de Deus** e, mais particularmente, no contexto do Pai Nosso e do Sermão do Monte, segundo o evangelho de Mateus, devemos atender ao critério ou interpretação profética com que esse evangelho expôs o ministério do Senhor. É um evangelho fortemente judeu em seu caráter, no sentido de que sua preocupação constante é mostrar que aquele ministério era o cumprimento das profecias messiânicas do Antigo Testamento. É o evangelho do Reino.

2 Somente Mateus emprega a expressão **Reino dos Céus** entre os evangelistas. Estes usam **Reino de Deus**, ou simplesmente **Reino**, onde aquela expressão de Mateus é empregada. Se levarmos em consideração os objetivos característicos de cada um, não é difícil compreender a significação da frase **Reino dos Céus** no primeiro evangelho, examinando cada passagem em que é empregada e comparando com outras em que o mesmo evangelho usa de outras designações. Um exame do texto geral mostrará que Mateus usa **Reino dos Céus** trinta e quatro vezes. **Reino de Deus** aparece cinco vezes. **Reino de seu Pai**, duas vezes. **Seu Reino**, ou **Reino do Filho do Homem**, duas vezes. **Reino**, simplesmente, três vezes.

3 Que significa cada uma dessas expressões usadas por Mateus? No sentido geral do Novo Testamento e de toda a Bíblia, há um caráter escatológico fundamental na doutrina do Reino. Não nos furtamos de citar, nessa conexão, as palavras de Karl Barth em seus

estudos feitos no Seminário de Neuchatel e depois publicados em livro: "O Reino de Deus, no Novo Testamento, é a vida e o propósito do mundo na conformidade com as intenções do Criador. É o efetivo e determinado ato de reivindicação contra a inevitável consequência do pecado, contra o perigo mortal, contra a aniquilação a que fatalmente conduz o esperar no próprio mundo, pois ele é simplesmente criatura. O Reino de Deus é a vitória final sobre o pecado. É a reconciliação do mundo com Deus (2 Co 5.19). E a consequência dessa reconciliação é um novo mundo, uma nova época, um novo homem e uma nova terra, que são novos porque entraram na paz de Deus e são envolvidos por ele. O Reino de Deus é a justiça de Deus, o Criador e Senhor que justifica e triunfa."

4 "O destino e propósito do mundo é a vinda do Reino: **Venha o teu Reino** — continua Barth. Somos claramente aqui confrontados com uma consumação que excede infinitamente aos nossos poderes, pois tudo que somos e tudo que podemos, mesmo nas mais favoráveis condições, está ameaçado pelo mesmo perigo. Estamos necessitados, nós mesmos, daquela libertação, daquela vitória, daquela reconciliação, daquela renovação. A vinda do Reino em nenhum sentido está na dependência de nosso poder. Tal como a própria Criação, nada mais podemos fazer senão aguardar a sua vinda. No entanto, ela é para nós um assunto e um motivo de oração. Só Deus, que criou o mundo, pode realizar esse ato de restauração, cumprindo o que ele mesmo vindicou, por si mesmo e pela Cruz. O Reino de Deus significa a paz e a justiça do mundo trazido à perfeição, e isso tão somente po-

de acontecer por ato e obra de Deus. Apesar disso, devemos orar para que o Reino venha, fazendo soar os sinos que vão anunciar a hora da consumação" (Karl Barth, **Prayer and Preaching**, SCM Press Ltd, 1964).

5 Não é possível, lendo as Escrituras e observando a estreita conexão entre a mensagem e a história do Antigo e a do Novo Testamento, não é possível escapar ao caráter profético-dispensacional dessa história e dessa mensagem. Ainda que se evite — e cremos que se deva evitar — a desenfreada e ultraliteralista imaginação muito comum em alguns setores dessa escola de interpretação, parece-nos claro que a correta compreensão bíblica da história do mundo é que essa história, realizada e desenvolvida através de homens, de ações e atitudes de homens, é uma história que cai dentro não somente da preciência de Deus, mas de sua permissão e providência. Deus, Criador e Senhor, não somente conhece os passos de seu desenvolvimento, como também age no decurso e condução de seus fatos centrais. De modo que a fase final dessa história cumpra a reivindicação plena do Criador sobre suas criaturas, nelas incluindo a terra e os homens (Rm 8.18-24).

6 Por seu próprio poder, o Senhor tem estabelecido tempos e estações (At 1.7) nesse dramático decurso histórico da humanidade. E o significado desse decurso é, como diz Barth, **uma consumação que excede infinitamente a todos os nossos recursos para poder realizá-la ou impedir que se realize.** O mundo caminha para a vinda do Reino de Deus, que é, assim, a vitória sobre o pecado e a recapitulação, a restauração de todas as coisas, em Cristo, na dispensação da plenitude dos tempos. Essa consumação se realiza com homens e, ao mesmo tempo, independe dos homens para chegar aos seus exatos fins. Não é produto de uma evolução das capacidades humanas de procurar, descobrir e atingir. Não vem por ação de homem, mas por intervenção de Deus. Não por evolução, mas por catástrofe. Por isso, a nós, que fazemos a história, Jesus nos manda orar a quem devemos pedir: **Venha o teu Reino.**

7 Deus não é, porém, um rei destronado e no exílio. As palavras finais do **Pai Nosso** expressam a permanente realidade de seu domínio: **Porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre.** A rebeldia do pecado contesta esse poder, mas não o destrói; levanta-se contra essa soberania, mas não a aniquila. O Senhor, ainda que sobre um mundo que de si mesmo a ele não entende nem lhe obedece, continua sendo **o Rei dos séculos, imortal, invisível, de quem é toda a glória e toda a honra para todo o sempre** (1 Tm 1.17). E, como nos afirma a tranqüila declaração do salmo onze, ainda que os ímpios armem seus arcos e ponham flechas em suas cordas, ainda que os fundamentos da terra se transtornem e o justo por vezes

se impaciente, **contudo o Senhor está no seu santo templo e o trono do Senhor está nos céus.**

8 A idéia do Reino apresenta, então, na Bíblia, um aspecto escatológico, de consumação e reivindicação final, e também um aspecto de realidade presente e indestrutível, embora contestada ou ignorada por aqueles que, assim vivendo, e sob a paciência do Rei que estão vivendo. No entanto, nesse mesmo mundo assim em contestação e intolerância, em ignorante rebeldia e desobediência, reconciliação já veio para alguns. Para alguns que, pela fé, buscam a justiça do Reino, que já pelo sangue da Cruz tiveram entrada ao trono da Graça e que, pela justificação que vem da fé e do sangue, alcançaram paz com Deus (Mt 6.33; Ef 2.13; Rm 5.1). Se no mundo em que vivem o Reino não se tornou ainda realidade, neles o espírito e os frutos do Reino já se manifestam, e as fontes de sua vida e de seu testemunho estão escondidas com Cristo em Deus (Cl 3.1-3). São o povo de quem Jesus falou aos judeus: **O Reino de Deus vos será tirado e entregue a uma nação que dê os seus frutos** (Mt 21.43). Formam a família da fé, a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, a Igreja de Cristo, corpo do Salvador, sobre o qual ele tão veementemente orou ao Pai em sua oração sacerdotal do Getsêmane (Jo 17).

9 Tanto, porém, quanto a distinção natural e visível das raças, línguas e nações foi destruída e superada nesse ministério da Graça redentora para que de nenhuma delas se pudesse dizer: **Aqui está o povo de Deus e em nenhum outro lugar ou em qualquer outro grupo**, assim também essa Graça redentora opera independentemente da formalidade da estrutura ou organização regimental de igrejas locais e denominacionais, para que nenhuma delas possa arrogar-se, como tal, o aspecto de ser a única e total depositária ou comunicadora da experiência redentiva em Cristo. Nossas igrejas se organizam no critério de nossa capacidade de in-

terpretar a Deus e de distinguir teses-munhos. A Igreja de Cristo, ao contrário, se corporifica sob o critério de Deus. Sua realidade histórica e espiritual nem sempre coincide com a realidade histórica e doutrinária de cada igreja local. A parábola do joio e do trigo (Mt 13.24-30) nos adverte disso. Igrejas assim formadas por nós vivem ainda em ambiente de crise, de equívocos e de pecado. É por isso que Lutero afirmou que **a Igreja tem uma face pecadora** durante os tempos dessa dispensação, antes que venham os dias proféticos quando, do meio de todos, o Senhor, na sua vida e no seu Reino, para si mesmo separe e identifique os seus (2 Tm 4.1).

A idéia do Reino de Deus apresenta um aspecto de realidade presente e indestrutível, embora contestada ou ignorada por aqueles que, assim vivendo, é sob a paciência do Rei que estão vivendo.

10 Isso significa que nenhum testemunho da Igreja, na presente dispensação de homens ainda na carne e no século, é perfeito e irretorquível. As igrejas, as melhores igrejas, trazem sempre consigo as suas marcas, até que um dia a Igreja do Salvador, libertada de todo o joio e de toda a presente imperfeição do tempo, seja apresentada por ele a si mesmo como **Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível**. As igrejas, portanto, dão hoje os frutos do Reino, mas não são o Reino que se há de manifestar. Representam o Reino, mas não o esgotam. São o campo do trigo de Deus salpicado de joio da parábola. Participam, por sua própria natureza de constituição,

dos conflitos e dos problemas deste mundo, e de muita deficiência espiritual de conhecimento, de comunhão e de total testemunho de Deus. É a face pecadora da Igreja, no reconhecimento de cuja realidade e existência o Mestre nos manda orar: **Perdoa as nossas dívidas**.

11 Com o dizer: **Venha o teu Reino**, aquele que assim ora tem conhecimento daquilo que o Reino é, do que significa a vida, a reconciliação com Deus que ele representa. Para aquele que tem fé em Jesus, essa reconciliação, essa justiça, essa vida nova já vieram (Rm 5.1,10; 6.11; Cl 3.1-3). São a nossa herança, assegurada em Cristo. De sua riqueza vivemos agora até

que a possamos ter em toda a sua plenitude, quando aquele que em nós começou a boa obra a aperfeiçoará no dia de Cristo, isto é, na sua segunda vinda e no seu Reino (Fp 1.6; 2 Tm 4.1).

12 A doutrina da segunda vinda de Cristo é um dos pontos mais altos da mensagem do evangelho. Cristo morreu, ressuscitou, foi elevado aos céus e convém que o céu o retenha diz Pedro, até os tempos da restauração de tudo, dos quais tempos Deus falou pela boca de todos os profetas, desde o princípio (At 3 21). E, se voltarmos a examinar Mateus, veremos Jesus dizer que, antes que venha o Reino de Deus, que o Reino de seu Pai se manifeste e realize, será manifestado o Reino do Filho do Homem (Mt 13.41, 43; 16.28; 26.29). A seqüência do Reino do Filho seguido pelo estabelecimento do Reino do Pai, sendo o Reino do Filho introduzido pela segunda vinda de Cristo, é uma das verdades mais meridiana do ensino bíblico do Novo Testamento. Inúmeras passagens se poderiam citar nesse sentido. Basta, entre outras, lembrar Lucas (1.32,33). João (18.33-36), 1 Coríntios (15.19-25).

13 Quando, pois, oramos ao Pai: **Venha o teu Reino**, colocamo-nos no centro de todas as mais gloriosas profecias bíblicas, no coração mesmo de todos os revelados propósitos de Deus para com o mundo e com a Igreja. Participamos da oração em que o Espírito e a Igreja manifestam a ardente expectativa e bem-aventurança dos que já provaram, nesta dispensação, as primícias do Reino que há de vir: **Ora vem, Senhor Jesus**. Fazemos coro com a impaciência

e angústia em que toda a criação geme e está com dores de parto até agora, aguardando a manifestação dos filhos de Deus, que marcará também o dia da libertação dela própria da corrupção a que ficou sujeita.

14 Levando, pois, em consideração esses aspectos totais do Reino mencionado nas Escritura, descobrimos que essa expressão indica, **primeiro**, o atual domínio e soberania de Deus em toda a sua criação, incluindo os céus e a terra; **depois**, a esfera em que esse domínio e essa soberania se verificam como realidade na experiência daqueles que com Deus já obtiveram comunhão e paz, pela fé em Cristo; e, **finalmente**, a realização efetiva desse Reino, em sua consumação escatológica na história dos homens e deste mundo. E ainda descobrimos que a segunda vinda de Cristo representa, conforme 1 Co 15.19-28, o passo inicial, o abrir das portas para a consumação do Reino. Não podemos, pois, orar: **Venha o teu Reino**, isto é, não podemos pedir que ele se manifeste e testemunhe na presente dispensação nem que depressa venha o grande dia de sua consumação final — sem estar, desde agora, sendo o sal da terra e a luz do mundo para que os tempos e o ministério da Igreja se cumpra na abertura dos caminhos do evangelho, e sem estar, desse modo, ativa e interessadamente enganados na preparação desse Reino cuja vinda se pede ao Senhor.

“... FAÇO
 NOVAS
 TODAS
 AS
 COISAS:”

Jesus inicialmente não pregou nem a si mesmo nem a Igreja, mas o Reino de Deus. Reino de Deus é a realização da utopia fundamental do coração humano de total transfiguração deste mundo, livre de tudo o que o aliena, como sejam, a dor, o pecado, a divisão e a morte. Ele vem e anuncia: “Acabou-se o prazo da espera. Próximo está o reino!” Ele não só promete essa nova realidade, mas já começa a realizá-la e mostrá-la como possível neste mundo. Veio confirmar uma boa notícia: este mundo sinistro tem um fim bom, humano e divino.

— REINO DE DEUS E UTOPIA

Na confusão geral das idéias hoje, no diálogo entre as várias confissões cristãs e no confronto com as várias religiões somos levados a nos perguntar com toda a simplicidade: Que quer afinal o Cristianismo? Que quis e que veio trazer afinal Jesus Cristo? Que estamos fazendo quando professamos a fé cristã e tentamos viver a mensagem de Jesus imitando e seguindo sua vida? Precisamos saber o que queremos. Para justificar frente a nós mesmos e legitimar frente aos outros as razões de nossa esperança (1 Pe 3.15). Se quisermos definir o horizonte mais vasto a partir do qual podemos compreender Jesus Cristo e sua mensagem então podemos, brevemente, dizer: Jesus Cristo quer ser em sua própria pessoa a resposta de Deus à condição humana.

1. PARA COMPREENDER AS RESPOSTAS PRECISAMOS ENTENDER AS PERGUNTAS

Se Jesus Cristo quer ser a resposta de Deus à condição humana então convém saber a que perguntas da condição humana ele quer dar resposta. Nós só entendemos quando compreendemos as perguntas às quais algo ou alguém quer dar a resposta. Quais são estas perguntas? Eis algumas fundamentais que estigmatizam nossa existência desde que temos dela conhecimento no passado e no presente: Por que o homem não consegue ser feliz? Por que não pode amar? Por que se encontra dividido em si mesmo, atormentado de perguntas derradeiras? Os animais todos têm seu **habitat** no mundo e o homem está ain-

da à procura de seu verdadeiro lugar. Por que há separação, dor e morte? Por que não se consegue um relacionamento fraterno entre os homens e ao invés disso há legalismo e escravidão? Para se conseguir a paz faz-se a guerra e para evitar a guerra, armam-se e preparam-se os homens para ela? Dos 3.400 anos de história da humanidade que podemos datar literariamente ou por outras fontes, 3.166 anos foram anos de guerra. Os restantes 234 anos não foram certamente anos de paz mas de preparação para a guerra. Há uma alienação que pervade toda a realidade humana, individual, social e cósmica. Quem trará a paz? a salvação? a reconciliação de tudo com todos? Há no homem um princípio-esperança, gerador de constantes aspirações de superação e de suma felicidade, atestado por todas as culturas e civilizações, mesmo pelas mais primitivas, desde o Epos de Gilgameshe dos povos babilônicos ou dos nossos índios tupis-guaranis ou apapocuvvas-guaranis até pelas utopias modernas do admirável mundo novo ou de um mundo totalmente planetizado e amorizado, princípio esse do qual o livro do apocalipse também testemunha quando diz: "Ele enxugará as lágrimas todas dos olhos, a morte não existirá mais, nem mais luto, nem prantos, nem fadiga, porque tudo isto já passou... Eis que faço novas todas as coisas". (Ap 21.4,5). Todas as religiões

e ideologias sabem destas perguntas e dão a seu modo uma resposta. E o homem desconsolado continua a dizer com Paulo: "Ai de mim, infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte". (Rm 7.24)?

Eis porém que surge um homem em Nazaré. Um homem se levanta na Galiléia, mais tarde se revelando como sendo o próprio Deus em condição humana e anuncia a resposta de Deus a tudo isso: "Esgotou-se o prazo da espera. O romper da nova ordem está bem próximo e será trazido por Deus. Mudai de vida! Crede nessa boa notícia" (Mc 1.14; Mt 3.17; Lc 4.18 ss).

2. JESUS PREGA UM SENTIDO ABSOLUTO PARA O NOSSO MUNDO

Cristo não começou pregando-se a si mesmo. Nem se anunciou como Filho de Deus, Messias e Deus. Os títulos de Jesus que os evangelhos lhe atribuem são em sua maioria expressões da fé da comunidade primitiva. A Ressurreição de Jesus constituiu para ela a grande virada: só agora compreendeu profundamente quem era Jesus e o que ele significava para toda a história da salvação. Nessa atmosfera, foram decifrando o segredo último do pregador e taumaturgo de Nazaré (At 2.22,23), atribuindo-lhe títulos de excelência, desde o Santo e o Justo (At 3.14), o Servo de Deus (At 4.27) até Filho de Deus, Messias e, por fim, Deus mesmo. O que estava

latente e implícito nas palavras, nos sinais e nas atitudes do Jesus histórico ficou agora, após a Ressurreição, patente e explícito. Os títulos que a fé atribuiu, exprimem exatamente quem era Jesus desde o seu nascimento até sua cruz: o esperado das nações, o salvador do mundo, o Filho de Deus, Deus mesmo feito pessoa humana.

Cristo começou pregando o Reino de Deus. Que significa Reino de Deus, indiscutivelmente centro de sua mensagem! Para os ouvintes de Jesus significava bem outra coisa que para os ouvidos do fiel moderno, para quem Reino de Deus é outra vida, o céu, o pós-morte. Reino de Deus — que ocorre 122 vezes nos Evangelhos e 90 na boca de Jesus — significava para os ouvintes de Jesus a realização de uma esperança, no final do mundo; da superação de todas as alienações humanas; da destruição de todo mal, seja físico, seja moral, do pecado, do ódio, da divisão, da dor e da morte. Reino de Deus seria a manifestação da soberania e senhorio de Deus sobre este mundo sinistro, dominado por forças satânicas em luta contra as forças do bem, significava dizer: Deus é o sentido último deste mundo; ele intervirá em breve e sanará em seus fundamentos toda a criação, instaurando o novo céu e a nova terra. Esta esperança, anseio de todos os povos, é objeto da pregação de Jesus. Ele promete: não será apenas esperança, mas realidade a ser introduzida por Deus. Por isso, ao pregar pela primeira vez na sinagoga da Galiléia e ao ler um tópico de Isaías 66.1ss: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para evangelizar os pobres; ele me enviou para pregar aos cativos a liberdade, aos cegos recuperação da vista, para pôr

em liberdade os oprimidos e para anunciar o ano de graça do Senhor” diz: “Hoje se cumpre esta escritura que acabais de ouvir” (Lc 4.18-19,21). A pergunta de João Batista encarecerado: “És tu o que vem, ou devemos esperar por outro?” responde Jesus: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11.3-5). Aqui está o sinal da reviravolta total: quem conseguir introduzir semelhantes realidades, este será o libertador da humanidade. Cristo se entende como o Libertador porque prega, presencializa e já está inaugurando o Reino de Deus. Reino de Deus é a revolução e a transfiguração total, global e estrutural desta realidade, do homem e do cosmos, purificados de todos os males e repletos da realidade de Deus. Reino de Deus não quer ser um outro mundo, mas o velho mundo transformado em novo. Se Mateus usa em vez de Reino de Deus Reino dos céus é porque ele, como bom judeu-cristão, procura evitar o nome de Deus e em seu lugar emprega céu. Reino de Deus não significa só liquidação do pecado. Mas de tudo o que o pecado significa para o homem, para a sociedade e para o cosmos. No Reino de Deus a dor, a cegueira, a fome, as tempestades, o pecado e a morte não terão mais vez.

Bem o diz Lucas quando anuncia que, com Jesus, chegou “o ano da graça do Senhor” (4.19). Atrás desta expressão se esconde uma das grandes utopias do Antigo Testamento. O êxodo refere que de sete em sete anos devia-se festejar o ano sabático (Êx 23.10-12; 21.2-6). Nesse ano todos deveriam sentir-se filhos de Deus e, por isso, todos se deveriam considerar como irmãos. Os escravos seriam libertados. As dívidas seriam perdoa-

**Reino de Deus é
a revolução e
a transformação global
e estrutural da
realidade do homem
e do cosmos.**

**Não significa só
a liquidação do pecado.
Mas de tudo o que
o pecado significa
para o homem,
para a sociedade
e para o cosmos.**

das e as terras uniformemente distribuídas. Nenhum patrão deveria esquecer que cada homem é um ser livre para Deus (Dt 15.12-15). O Levítico (25.8-16) revela essa idéia social prescrevendo que de 50 em 50 anos se celebre o ano jubileu. Será um ano de graça do Senhor. Todos serão livres. Cada um voltará para sua terra, que lhe será restituída e para a sua família. Esse ideal social, porém, jamais foi cumprido. O egoísmo e os interesses sempre foram mais fortes. Por isso tornou-se aos poucos uma promessa para os tempos messiânicos (Is 61.1ss). Deus mesmo instaurará o ano sabático da graça, da reconciliação social e do perdão das dívidas. Jesus se levanta na Galiléia e proclama: ele trará o ano da graça do Senhor! Ele realizará uma velha aspiração do povo! O egoísmo será superado por uma nova ordem das coisas deste mundo.

3. A ANTIGA ESPERANÇA DO HOMEM VIRA REALIDADE

Os milagres de Cristo antes de revelarem sua divindade visam mostrar que o Reino já está presente e fermentando dentro do velho mundo: uma expectativa tão velha quanto o homem está se realizando, a libertação total. "Se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, sem dúvida o Reino de Deus chegou a vós" (Lc 11.20). "Ninguém pode entrar na casa do forte e saqueá-la se primeiro não amarrar o forte" (Mc 3.27). Ele é aquele mais forte que vence o forte. Ele é a escatologia realizada. Com sua vinda, se festejam as bodas do tempo da salvação. Ele é o vinho novo e novo manto (Mc 2.18-22) do cosmos renovado. Sua presença transforma o mundo e os homens: as doenças são curadas (Mt 8.16-17), o luto se transforma em alegria (Lc 7.11-17; Mc 5.41-43), os elementos lhe obedecem (Mt 8.27), a morte se transforma num sono apenas (Mc 5.39), pecados são perdoados (Mc 2.5) e os demônios impuros cedem lugar ao espírito de Deus (Mt 12.28). O tempo é de alegria e não de jejuns. Por isso grita ele: "Bem-aventurados os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Bem-aventurados os que agora padecéis fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados os que agora chorais, porque rireis" (Lc 6.20-21). Com Cristo se "anuncia o ano de graça do Senhor" (Lc 4.19) que não conhecerá mais ocaso.

4. O REINO DE DEUS NÃO É UM TERRITÓRIO, MAS UMA NOVA ORDEM DAS COISAS

Reino de Deus que Cristo anuncia não é libertação deste ou daquele mal, da opressão política dos romanos, das dificuldades econômicas do povo ou só do pecado. Reino de Deus não pode ser privatizado a este ou àquele aspecto: ele abarca tudo: mundo, homem e sociedade; toda a realidade deve ser transformada por Deus. Daí a frase de Cristo: "O Reino de Deus não vem de tal forma que a gente possa contar com ele. Nem se poderá dizer: Ei-lo aqui ou ali, porque o Reino de Deus está dentro de vós" (Lc 17.21). Esta difícil expressão "o Reino de Deus está em vosso meio" significa, segundo a mais recente exegese: "A nova ordem introduzida por Deus está à vossa disposição. Não pergunteis quando no futuro será estabelecida. Não corrais por isso daqui ou dali, como se o Reino de Deus estivesse ligado a algum lugar. Antes decidi-vos e engajai-vos por ele. Deus quer ser vosso senhor. Abri-vos à sua vontade. Deus espera por vós especialmente agora. Preparai-vos e aceital esta última oferta de Deus". Reino de Deus, como transparece, implica dinamismo, notifica um acontecimento e exprime a intervenção de Deus já iniciada, mas ainda não totalmente acabada. Por isso que Cristo ao pregar e presencializar o Reino nos ensina a rezar: "venha a nós o vosso Reino" (Lc 11.2; Mt 6.10). A pregação do Reino se realiza em dois tempos, no presente e no futuro. No presente, já o vimos acima. Resta a ver seu futuro: o tempo do mundo pecador terá passado (Mt 19.28; Lc 17.26-30), os sofrimentos irão desaparecer (Mt 11.5), não haverá mais luto (Mc 2.19), a morte será rompida (Lc 20.36) e os mortos ressuscitarão (Lc 11.5).

Os fundamentos da velha ordem serão abalados: "os últimos serão os primeiros (Mc 10.31), os pequenos serão grandes (Mt 18.4), os humildes serão os mestres (Mt 5.5), os doentes serão curados, os surdos ouvirão (Mt 11.5) e os oprimidos serão libertados (Lc 4.18). A situação do homem diante de Deus será totalmente transfigurada porque os pecados serão perdoados (Mt 6.14) e a glória será restituída aos homens (a veste celeste dos anjos) (Mc 12.25), os eleitos dispersos serão reunidos (Lc 13.27) e os filhos de Deus se encontrarão na casa paterna (Lc 15.19) onde toda fome e toda sede serão saciadas e transbordará o riso alegre do tempo da libertação (Lc 6.21).

5. REINO DE DEUS NÃO É SÓ ESPIRITUAL

De tudo isso um dado resulta claro: Reino de Deus, ao contrário do que muitos cristãos pensam, não significa algo de puramente espiritual ou fora deste mundo. É a totalidade desse mundo material, espiritual e humano agora introduzido na ordem de Deus. Caso não fosse assim, como poderia Cristo ter entusiasmado as massas? Alguns textos antigos guardaram ainda esse tom original: "Em verdade vos digo: já não beberei do fruto da vide até àquele dia em que o beba de novo no Reino de Deus" (Mc 14.25). Outras vezes promete para quem abandona tudo por amor do Reino, o cêntuplo em casas e campos (Mc 10.30). Aos discípulos diz: "Eu disponho do Reino em favor de vós... para que comais e bebais à minha mesa em meu Reino, e vos senteis em tronos como juizes das doze tribos de Israel" (Lc 22.29-30; Mt 19.28). O estourar desta nova ordem está iminente: "Não passará esta geração sem que isso aconteça" (Mc 13.30). Certa vez concretiza ainda mais e afirma: "Em ver-

dade vos digo que há alguns dos aqui presentes que não provarão a morte até que vejam vir em poder o Reino de Deus" (Mc 9.1). Aos discípulos assegura: "Em verdade vos digo: não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que venha o Filho do homem" (Mt 10.23). Cristo tem consciência de que com ele já se iniciou o fim deste velho mundo. Ele mesmo já pertence ao Reino. A participação na nova ordem está condicionada à adesão à pessoa e à mensagem de Jesus. Semelhante pregação situa-se visualmente dentro da atmosfera apocalíptica (expectativa de fim do mundo), típica do tempo do Novo Testamento. Jesus como homem de seu tempo respira também essa atmosfera, mas se distingue profundamente dela. Apesar disso vale a pergunta: Por que Cristo adotou a idéia do Reino de Deus, do messianismo e do fim do mundo como veículos para sua mensagem? Por que se refere a um irromper iminente do Reino? Por que fala do Filho do homem que virá sobre as nuvens em glória, de um julgamento final e de todo o simbolismo das esperanças messiânicas? Para responder a estas questões faz-se mister considerar brevemente o sentido religioso da linguagem apocalíptica (de fim do mundo).

6. "E O POVO ESTAVA EM ANSIOSA EXPECTAÇÃO"

Flávio Josefo nas suas **Anti-guidades Judaicas** narra que os judeus dos anos 100 AC a 100 DC tinham como principal preocupação "libertar-se de toda sorte de dominação dos outros, a fim de que Deus somente seja servido" (Ant. 17, 11, 12). Desde o exílio (587 AC) os judeus viveram praticamente sem liberdade: dos sucessores de Alexandre Magno, passaram ao jugo dos romanos. As possibilidades de libertação se esgotaram. Só uma intervenção de Deus poderia restituir-lhes a independência. Surge então farta literatura apocalíptica especialmente no tempo dos Macabeus, a começar com o livro de Daniel com o objetivo de inspirar confiança no povo e abrir-lhe uma saída feliz com descrições do reino futuro, com a restauração da soberania davídica e a entronização do absoluto senhorio de Deus. O tema do Reino de Deus faz-se central na literatura bíblica pós-exílica e no tempo entre os dois Testamentos. Reino de Deus possui indiscutivelmente uma conotação política, no sentido judeu, para quem a política era uma parte da religião e designava em concreto a libertação de todas as forças opres-

soras. O senhorio de Deus sobre tudo tinha que se mostrar também politicamente. O Messias é aquele que instaurará o Reino de Deus. O povo inteiro se preparava para sua vinda. Os fariseus pensavam que com a observância minuciosa de toda a lei se apressava o advento da transformação deste mundo. Os essênios e os monges da comunidade Qumrân retiraram-se para o deserto para, em absoluta purificação, observância legal e vivendo num estado ideal, poderem aguardar e acelerar o irromper da nova ordem. Os zelotes (fervorosos) opinavam que se devia, com ações, guerrilhas e com violência, convocar a intervenção salvadora de Deus. Seu lema era: "Só Javé é Rei e só a ele serviremos". Em nome disso contestavam os Césares, o censo, os impostos e o imposto capital que equivalia na época reconhecer o Imperador como senhor e deus. A vinda do Messias irá transformar tudo e realizar-se-á também o fim deste mundo com o começo do reinado eterno de Deus. Os apocalípticos estudavam e procuravam de modo especial decifrar os sinais dos tempos messiânicos, faziam cálculos de semanas e anos na tentativa de determinar no espaço e no tempo, os acontecimentos salvadores.

O que mais ressalta em Jesus é a autoridade com que anuncia o Reino e o torna presente por sinais e gestos inauditos. No começo está presente o fim. Com Cristo o Reino começou a agir no mundo. A velha ordem está caminhando para seu fim. Já desponta o sol que não conhece ocaso. Irrompeu o tempo da libertação.

A despeito de seus elementos cosmovisionais, a apocalíptica judaica revela o eterno otimismo, que é a essência de toda religião verdadeira. A situação triste e ambígua deste mundo pecador conhecerá um dia um fim; um dia, Deus irá apiedar-se dos homens e irá libertá-los para si de todos os elementos alienatórios. Reino de Deus é a expressão simbólica desta verdade transcendental. Pregar e anunciar o Reino de Deus, como o fizeram os apocalípticos e também Jesus, é testemunhar um sentido último à realidade do mundo e sua radical perfectibilidade a ser atualizada por Deus e só por ele. O messianismo e as categorias de expressão da apocalíptica eram, nesse sentido, meios adequados para Jesus comunicar sua mensagem libertadora e revelar quem ele era, o Filho de Deus, o Deus incarnado e o salvador do mundo. Só nessa linguagem Cristo podia fazer-se entender por seus ouvintes, que “estavam em ansiosa expectativa” (Lc 3.15). Ele participou dos desejos fundamentais do coração humano, de libertação e de uma nova criação. Essa esperança, expressa na bizarra linguagem apocalíptica, foi o veículo da maior revelação de Deus no mundo.

Apesar destes elementos comuns, a pregação de Cristo destaca-se das expectativas messiânicas do povo. Cristo jamais alimenta o nacionalismo judeu; não diz nenhuma palavra de rebelião contra os romanos, nem faz qualquer alusão à restauração do rei davídico, embora o povo o saudasse assim por ocasião de sua entrada em Jerusalém (Mc 11.10) e na inscrição da cruz estivesse escrito: “O rei dos judeus” (Lc 15.26). Os próprios discípulos não escondem sua tendência nacionalista: “nós esperávamos que libertasse Is-

rael” dizem resignados os jovens de Emaús (Lc 24.21; 19.11) e os apóstolos na despedida derradeira de Cristo: “Senhor, é agora que vais restabelecer o reino de Israel?” (At 1.6). Neste ponto, Cristo decepçiona a todos. A pregação de Cristo sobre o Reino distancia-se também das especulações fantásticas dos apocalípticos sobre o fim do mundo, sobre os sinais na natureza e nas nações. Ele renuncia às mirabolantes descrições do último juízo e da ressurreição dos mortos. A pergunta que mais preocupava o povo: “Senhor, até quando?” (Sl 80.5; 74.10; Dn 9.4-19) Cristo responde simplesmente: “Estai preparados porque não sabeis em que hora virá o Filho do homem” (Mt 24.44). O que mais ressalta em Jesus é a autoridade com que anuncia o Reino e o torna já presente por sinais e gestos inauditos.

Apesar disso, o messianismo político, a considerar pelas tentações de Jesus narradas nos sinóticos (Mc 1.12ss; Mt 4.1-11; Lc 4.1-13), constituiu para Cristo uma real tentação. Já há tempo que exegetas vêm interpretando a tentação como uma “experiência espiritual de Jesus, posta em forma parabólica (mashal) para a instrução dos apóstolos”. Cristo superou as tentações do messianismo político que no seu tempo se manifestava sob três correntes: **profética**, com o aparecimento do messias no deserto; **sacerdotal**, com a manifestação do libertador no templo; e **política**, com a revelação do messias na montanha de Deus. Ora, as três tentações narradas pelos sinóticos visam mostrar como Jesus Cristo superou os três tipos de messianismo, do alto da montanha e do pináculo do templo. Ele é sim o Messias-Cristo, mas não de tipo político. Seu

Reino não pode ser privatizado e reduzido a uma parte da realidade, como seja a política. Ele veio para sanar toda a realidade em todas as suas dimensões, cósmica, humana e social. O grande drama da vida de Cristo foi tentar tirar o conteúdo ideológico contido na palavra "Reino de Deus" e fazer o povo e os discípulos compreenderem que ele significa algo de muito mais profundo: que exige conversão da pessoa e transformação radical do mundo da pessoa, no sentido do amor a amigos e inimigos e da superação de todos os elementos inimigos do homem e de Deus. Aos que se escandalizam com o paradoxo entre suas pretensões e sua origem simples de família humilde, ele lhes assegura: "Felizes dos que não se escandalizam de mim" (Lc 7.23; Mt 11.6). O Reino de Deus apresenta-se frágil e sem aparato. Mas é como a semente lançada à terra (Mc 4.26 ss), como o grão de mostarda, menor de todas as sementes da Palestina (Mt 13.31 ss), ou como o fermento na massa (Mt 13.22 ss). A aparente pequenez esconde e promete um glorioso futuro: um pouco de fermento leveda toda a massa; a semente cresce e dá espigas com trigo generoso; o grão de mostarda "cresce, torna-se maior do que todas as hortaliças" (Mc 4.32). No começo já está presente o fim. Com Cristo, o Reino já começou a agir no mundo. A velha ordem já está caminhando para seu fim. Já desponta o sol que não conhece o ocaso; irrompeu o tempo da libertação.

7. CONCLUSÃO: ELE ASSUMIU NOSSOS ANSEIOS MAIS PROFUNDOS

De tudo isso devemos reter seguramente: a encarnação de Deus não significa apenas que Deus se fez homem. Quer dizer muito mais. Ele participou realmente de nossa condição humana e assumiu nossos anseios mais profundos. Utilizou nossa linguagem marcada fortemente de conteúdos ideológicos, como era a idéia do Reino de Deus. Tentou esvaziá-la e dar-lhe um novo sentido de total libertação e absoluta esperança. Mostrou esse novo conteúdo com sinais e comportamentos típicos. O Reino de Deus que ele pregou já não é mais uma utopia humana impossível. Mas "porque a Deus nada é impossível" (Lc 1.37), ele é uma realidade já incipiente dentro de nosso mundo. Com Jesus começou uma "grande alegria para todos" (Lc 2.10) porque já agora sabemos que, com a nova ordem introduzida por ele, será verdade aquilo que o Apocalipse nos prometia, como a irrupção do novo céu e da nova terra (Ap 21.14). Com ele, já podemos ouvir como um eco longínquo, mas seguro, aquelas palavras "fiéis e verdadeiras": "Eis que faço todas as coisas novas... Está feito" (Ap 21.5).

Por motivo de doença, impedido de escrever por algum tempo e tendo-se comprometido conosco, o autor sugeriu-nos a transcrição deste artigo que é o capítulo 3 de seu livro JESUS CRISTO LIBERTADOR (Vozes, 1973).



documento

**ENTREVISTA : MISSIONÁRIO
MANOEL DE MELLO SILVA**

“EVANGELHO COM PÃO”

O fundador do MOVIMENTO O BRASIL PARA CRISTO fala de sua obra, de suas idéias e expõe algumas razões de sua facilidade em comunicar o Evangelho às massas.

Palavra solta, cheia de repetições e quebras espontâneas (os pleonasmos e anacolutos dos gramáticos) muito nordestinas, entremeadas de cliques paulistanos; baixo, forte, comunicativo e otimista, o pernambucano Manoel de Mello Silva é o líder indiscutível de um movimento carismático pentecostal chamado **MOVIMENTO O BRASIL PARA CRISTO**.

Apareceu em São Paulo aos 17 anos (1946), onde trabalhou em construção civil para a Prefeitura. De seu trabalho resultaram prédios, galerias de água e esgoto, ruas asfaltadas. Depois da Prefeitura, passou a constituir sua própria empresa. Evangelista desde 1952, já em 54, deixa toda essa atividade de negócios para dedicar-se exclusivamente à pregação. Mamãe a favor, os outros parentes contrários; achavam que não dava dinheiro esse ofício de pregador. (Ele continua achando).

A princípio trabalha com a Igreja Quadrangular (movimento de origem norteamericana) depois

forma o movimento com raízes exclusivamente brasileiras (26 de março, 1956).

A equipe do CEI foi entrevistá-lo no Largo da Pompéia (S. Paulo), onde está construindo, numa área de 12.000 metros quadrados, o maior centro religioso, com uma área coberta que pode abrigar cerca de 15 mil pessoas assentadas e, nas grandes concentrações, outras 15 mil em pé.

Figura discutida, mais incompreendida que discutida, de valor inegável, que Deus tem usado de várias formas. Estando em Genebra, filiou o **MOVIMENTO O BRASIL PARA CRISTO** ao Conselho Mundial de Igrejas. Entre outros grupos já falou ao Parlamento Nacional Sueco. Esta é sua fala que às vezes sofreu — a pedido dele mesmo — pequenos acertos. No entanto tentamos preservar-lhe os maneirismos e particularismos que caracterizam nele o homem do povo que jamais deixou de ser povo.



CEI — Pastor, diga-nos algo de sua terra de origem.

Nasci no Engenho Amoroso, Município de Água Preta (150 km de Recife). Até 73, lá ninguém conhece o que é asfalto, nem água encanada, nem luz elétrica. Lugar muito famoso pelos grandes criminosos que deu a Pernambuco. O Município vive sob a tutela de uma usina famosa, chamada Santa Teresinha, que estende seus domínios a vários outros municípios de Pernambuco.

CEI — O Movimento o Brasil para Cristo usa o critério de arrolar membros? Quantos tem?

Nós ainda arrolamos membros. Gostaríamos de quebrar esse tabu. Essa pergunta ainda me choca. Acho que o arrolamento de membros é um dos problemas que mais tem amarrado o desenvolvimento do evangelismo no Brasil. Nós achamos que uma pessoa só é cristã quando nós carimbamos e damos um número para ele. O homem já nasce numerado. Um irmão me disse que o homem quando nasce já deve nove meses de pensão. Nasce numerado. O quarto, o prédio, o médico, tudo é numerado. E nós começamos a numerar, entendeu? inclusive pra entrar no céu. A pessoa se converte e quer saber o número dele e nós numeramos.

CEI — E quantos “numerados” têm em São Paulo?

Só na capital, já passam de 60 mil numerados. Mas eu não faço diferença entre os irmãos que são e não são numerados. Muitos não numerados são mais eficientes que os outros. Veja um fato: Ontem veio aqui um irmão que não é numerado. É

universitário. Frequenta a nossa igreja com a noiva. É cristão de um testemunho extraordinário. Veio e doou cinco telhas para nossa cobertura, no valor de 500 cruzeiros. Bom, mesmo não sendo numerado, eu confio na sua salvação.

CEI — A sua igreja exige o batismo para pertencer a ela?

Eu acho que há muitas pessoas que são cristãs e não são batizadas. Sou de pleno acordo com o batismo, mas não como imperativo. Mesmo Jesus tendo dito “quem crer e for batizado será salvo”, mesmo assim no seu ministério teve pessoas que eram salvas e não foram batizadas. Acho que o melhor é pregar o evangelho e deixar que a pessoa escolha a hora de ser batizada se quiser. Então nós temos em nossa comunidade muitas pessoas que cooperam, são até dizimistas, e que são maior número do que os que são batizados e arrolados. Também, quanto ao dizimo, a nossa igreja não obriga. Por isso a nossa igreja está cheia de pessoas que são membros e nunca pagaram o dizimo e de pessoas que não são membros e pagam o dizimo.

CEI — Poderia dar-nos mais algumas informações sobre esta obra aqui? Objetivos e particularidades?

Isto não é bem um templo mas um centro religioso evangélico. Aqui temos parte religiosa, parte educacional e parte social. Pretendemos, logo que esteja pronto oferecê-lo a todos os grupos religiosos que queiram realizar nele seus congressos e até à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) para realizarem até congresso eucarístico.

CEI — Parece que aqui já houve até congresso budista, é verdade?

Sim. Já houve congresso adventista e, — por incrível que pareça — um congresso budista e um congresso de uma seita japonesa IZEIN que aliás foi o mais bonito de todos, porque somente de jovens uniformizados de branco tivemos mais de 3 mil. Isto é para servir ao povo. Claro que para pouca gente não é necessário, mas para o povo, a massa. É lógico que pode haver quem prefira o Ibirapuera ou o Pacaembu, ou a Biblioteca Municipal. Ainda desejo que fique bem claro que nós agimos assim de modo aberto não só por minha consciência ecumênica, mas também porque este templo não é somente nosso. Faço questão de salientar que trinta por cento dos fundos, para esta obra vêm de católicos romanos, outros trinta aproximadamente vêm de outros grupos religiosos, inclusive evangélicos e apenas quarenta por cento procedem do Movimento O Brasil para Cristo. Ora se tantos contribuíram para este templo, por que depois, eu vou fechá-lo e dizer: Agora só entra quem é de minha denominação?

CEI — E essa placa lá fora, na entrada “Aqui nós pagamos e você estuda”?

Os nossos cursos são os mais baratos. Quando o aluno vem aqui e se matricula com todos os dados, nós perguntamos se ele pode pagar ou não. Se ele não pode, nós é que pagamos. Mas os que podem pagar claramente que pagam. Temos dezenas de alunos inteiramente gratuitos aqui.

CEI — Quando foi que o seu Movimento começou a se interessar pelo assunto educação?

Começou a se interessar antes mesmo de existir. Na Assembléia de Deus eu já brigava por esse assunto, discutia. A grande razão sou eu mesmo. Como todos sabem eu não estudei em cursos regulares. Eu estudei na Universidade da Vida onde estou matriculado até hoje até receber meu diploma. Eu não pude estudar por falta de estímulos e especialmente por falta de recursos. Eu não tive infância. Com 12 anos eu já era maduro. Com 15, já queria casar. Educação é a base de tudo. Não podemos ficar esperando que a educação se faça por processos milagrosos que nem a minha. A igreja tem que ajudar.

CEI — Então sua meta parece que é fazer de cada templo uma escola?

É. Vou contar uma experiência de minha visita à União Soviética. Discuti certa vez com um comissário de polícia e fui até preso e logo libertado pela mediação do secretário de nossa embaixada. Uma pergunta que eu fiz ao comissário, foi: “Por que vocês quando dominam um país, fecham os templos?”. Ele respondeu: “O reverendo está mal informado, nosso partido nunca fechou igrejas”. Aí eu comencei aquele debate tentando convencê-lo e repetindo o que já tinha ouvido. “Não, respondeu ele, isso é falsa propaganda”. E ele me deu esta explicação: “Vocês têm igrejas, abrem no domingo para os cultos, a missa, depois fecham e só abrem no domingo seguinte. Os templos

ficam fechados a semana inteira. Quando dominamos um país, nós tomamos a igreja e fazemos funcionar como escola ou museu, ou outra coisa educativa e no domingo devolvemos ao padre ou ao pastor." E eu concordei, porque, enquanto no Brasil há falta de milhares e milhares de salas de aula, há milhares de templos que ficam vazios a semana toda. No entender de O Brasil para Cristo o templo não é sagrado, o templo é uma casa como outra qualquer. Sagrado é

o povo. Então nós queremos fazer em cada templo ou igreja uma escola sim.

CEI — E já têm muitos alunos?

No momento para ser exato só 271. Mas com os dois andares que estamos construindo teremos capacidade para manter, em tempo integral de três turnos, cerca de 6 mil alunos. Nós queremos transformar isto aqui num grande centro educacional.

EVANGELIZAÇÃO. AÇÃO SOCIAL. CATEQUESE. NOVA COMUNIDADE.

CEI — No princípio o nosso interesse era conversar somente sobre evangelização, por isso vamos falar um pouco sobre esse assunto: Evangelização, Catequese, Evangelho Social, Nova Comunidade, etc. Vá soltando.

Pra começo 99% e algumas virgulas no Brasil já são convertidos. A coisa mais difícil é encontrar um brasileiro que não creia em Jesus Cristo como Salvador, em Deus, no Espírito Santo. Paulo se converteu. Por quê? Porque ele achava que os reguidores de Cristo eram uns subversivos como o próprio Cristo, um que desejava quebrar, derrubar o sistema judaico. Mudou. Converteu-se. Se alguém crê que Buda é que é salvador e depois diz que não, que é Cristo, se converte. Minha pregação é para que a pessoa tenha uma fé genuína. Eu gosto muito do texto de Mateus: "Ide e ensinai todas as criaturas. . ." No Brasil é preciso pegar a pessoa e ensinar. O que nós precisamos aqui não é de evangelização e conversão mas muito mais de doutrinação

e conscientização. Dar consciência de sua responsabilidade como cristão.

CEI — O padre Sotero, no último número de nossa revista dizia que "a evangelização suscita a fé e a catequese educa e explicita a conversão". É este o sentido de suas palavras?

Eu estou de acordo. É isso. Isto é, de acordo até certo ponto. Já expliquei o que é conversão no meu entender. Alguém chega na minha igreja e diz: "Missionário, trouxe este casal para assistir ao culto, eles não são crentes." Não, eles são crentes, quer ver? O sr. crê em Jesus Cristo? — Creio. Crer eles crêem, só não praticam a mesma fé. Aliás nós, os evangélicos, temos talvez afastado mais gente do Reino de Deus do que trazido, devido a certas expressões que nós criamos, como "Fulano não é convertido. Fulano não é salvo. Fulano não é crente." E isso vai espantando e afastando gente.

CEI — E a ação social? Isso deve ser preocupação de uma igreja mesmo como a sua de tipo pentecostal?

Jesus um dia disse “nem só de pão vive o homem...” Ele queria dizer que também vive de pão. E vive da Palavra de Deus também. Jesus não quis colocar o pão em plano secundário. Muito ao contrário para ele o pão teve sempre lugar prioritário. Se alguém bate na sua porta e pede comida e você diz: “Deus te abençoe. Vou orar por você. Jesus te lave com seu sangue.” Isso não vai adiantar nada. Tiago sugere que isso nem é religião. Eu estou muito com Tiago nessa parte. Depósito só de pão sem evangelho é falso. Depósito só de evangelho sem pão, também. Há muita igreja por aí que só tem evangelho. E falta pão. Aí vem o problema do comunismo e do capitalismo.

CEI — Explique como é que é esse negócio de comunismo e capitalismo neste assunto.

Comunismo é depósito de pão, mas sem evangelho. Então é falso. O capitalismo é um depósito de bens materiais pra um pequeno grupo. Notem que o capitalismo até aceita o evangelho mas só como capa protetora de seus interesses, mas não aceita a distribuição das riquezas para os que querem pão. Então é falso. Tiago diz que é falso. Para mim isto é Evangelho Social. Evangelho com pão.

CEI — Esta entrevista vai sair com o número de nosso SUPLEMENTO que tem como tema o Reino de Deus. Pode falar alguma coisa, Missionário?

Reino de Deus é o céu? Um lugar maravilhoso, cheio de pedras, preciosas, de jaspe, de safira? Não, não e não! No meu modo de entender o Reino de Deus está entre nós. Não é um pedaço do céu. É aqui entre nós. Quando a igreja cuida do homem total, está implantando o Reino de Deus. Nós podemos viver o Reino de Deus ou o Reino de Satanás. No contexto de Mateus 10, Jesus diz que vai dar poder ao pregador. E disse que “...em meu nome ele poderá curar enfermos, expulsar demônios, ressuscitar...” Ele disse que isto pode acontecer. Isto tem-se cumprido com os autênticos evangelistas que crêem no evangelho com força total.

CEI — Mas isso é um sucesso de seu trabalho, não é?

Em parte é. Em parte, porque isso também é pão. Quando eu digo Evangelho com pão eu digo evangelho com saúde e cura. Faz parte do pão. A libertação do homem faz parte do pão. O pão não é só uma bisnaga da padaria para comer, mas é tudo o que beneficia o homem. Com pão eu quero dizer educação. Eu quero dizer vestuário... O pão eu

O pão não é só de padaria.

**O pão eu quero dizer educação, vestuário,
escola, hospital.**

**O pão eu quero dizer salário justo, respeito
à pessoa humana, justiça social.**



quero dizer escola, hospital. O pão eu quero dizer o salário justo. O respeito à pessoa humana. Os direitos da pessoa humana. Quando eu digo Evangelho com pão eu digo evangelho com justiça social, com os direitos do homem. Eu digo Evangelho com a Declaração aprovada pelas Nações Unidas, que o Brasil também aprovou. Neste Evangelho, neste contexto eu me enquadrado como pregador do Evangelho.

CEI — Com essa pregação de Evangelho com pão se pode pensar em Nova Comunidade?

Depende. Uma Igreja não se deve preocupar em formar uma Nova Comunidade. Quando alguém diz eu vou reunir 100, mil, ou 10 mil pessoas e vou formar uma nova comunidade está er-

rado. Mas uma igreja deve ter uma visão global de transformar o seu país numa Nova Comunidade.

CEI — Visão global? diga mais alguma coisa sobre isso.

Eu uso visão global e fé global assim: Eu parto da Palavra de Deus. Se alguém tem fé, então aceita a Palavra de Deus que nos fala de um governo espiritual sobre todas as coisas. Eu, aceitando a Palavra de Deus como única autoridade em fé, eu estou crendo no universo e aproveitando, pela minha fé global, para mim, para a minha igreja, para meu país, aquilo que é bom. Aliás é Paulo quem diz isso: "Examinai as Escrituras, retende o que é bom." E rejeitando tudo aquilo que a Palavra de Deus diz que não presta.

CEI — Pastor, temos falado de evangelização, catequese, proclamação do Reino de Deus, consciência cristã. O sr. acha que anunciar o Reino de Deus deve ser denunciar também?

O Evangelho em si já é denunciante. É mensagem denunciadora. É por isso que o Evangelho não é aceito em países totalitários. O Evangelho não pode ser proclamado com meias verdades, só com verdades inteiras. Por isso Jesus disse que não pode ser senão do alto das montanhas que se anunciam as Novas, numa profecia das torres de rádio e televisão. O Evangelho não pode ser proclamado na íntegra sem denunciar as injustiças cometidas pelos poderosos e aí é que está o perigo de o homem se tornar poderoso sem conhecer o Evangelho. Denunciar as injustiças e os erros que comprometem o evangelho é dever de pregadores e, se comprometem um governo, a sua denúncia só pode ser uma colaboração com o governo.

CEI — O que é “contrariar ou comprometer o Evangelho”?

Estou me referindo à promoção humana, ao Evangelho Social segundo já conceituei. O Evangelho do envolvimento do homem. Se nós anunciamos o evangelho sem denunciar, sem publicar, sem proclamar o que está errado; se não tivermos coragem de apontar injustiças cometidas voluntária ou involuntariamente, não estamos na linha do apóstolo Paulo. Este, mesmo naqueles tempos em que a justiça era tão precária, denunciou, porque pregou o evangelho completo. Cristo enfrentou o rei Herodes e denunciou as injustiças cometidas através da capa da intervenção romana

no meio dos israelitas. Certos pronunciamentos que a CNBB tem feito eu endossaria. Assim, quando os Bispos Católicos fizerem certos pronunciamentos contra determinadas injustiças, podem procurar-me que, em nome de minha Organização eu assino, se achar que a intervenção deles é justa, evangélica.

CEI — O irmão acha que toda a fé para ser lúcida tem que ser comprometida com a realidade?

O cristão evangélico é um homem comprometido com o Evangelho. Só pelo Evangelho e através dele se pode fazer o enquadramento de toda e qualquer atitude humana numa determinada realidade. Assim o cristão se compromete com Cristo, com a justiça.

CEI — Que quer dizer no caso cristão evangélico?

Todo aquele que crê no Salvador Jesus e que aceita o Evangelho como norma de fé. Não me refiro nem sequer à minha igreja, ou a qualquer denominação. Para mim não há cristão metodista, cristão pentecostal, cristão católico. Não acredito nisso. Só pode haver cristão evangélico não importa a que denominação esteja filiado. Para mim o papa João XXIII foi um grande cristão evangélico.

CEI — Qual tem sido o relacionamento do Movimento do Brasil para Cristo com as demais igrejas cristãs e com o movimento ecumênico?

Nos primeiros anos de nosso trabalho foi duro. Não fomos compreendidos e fomos severamente combatidos até na mesma Confederação Evangélica do Brasil da qual sou hoje um dos vice-presidentes. O que nós quisemos foi abalar a acomodação de muitas igrejas, não quisemos acabar com elas. Por exemplo a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) a que me referi é hoje a única expressão de crítica séria aos atos do governo, preocupada que sempre está com o problema social do povo. A CEB (Confederação Evangélica do Brasil) deveria fazer o mesmo. Não é ser contra o governo, mas adverti-lo, quando estiver em caminho perigoso. Nós do Movimento o Brasil para Cristo sempre achamos que os protestantes sempre foram muito acomodados e assustados. Ora se uma Igreja faz uma proclamação e vem outra e diz que não pensa assim, então já foi barrada. Proclamar o Evangelho não é ficar atrás do altar dizendo apenas que Jesus Cristo salva. Mas é identificar-se com as massas como fez Jesus. Conviver com as massas, andar com elas e dizer que Jesus Cristo quer que elas se transformem não em masa, mas que deixem

de ser massa para serem pessoas e, sendo pessoas, tenham direito aos privilégios e ao que as constituições proclamam e a Declaração Universal das Nações Unidas sobre os Direitos Humanos também.

CEI — E com o Conselho Mundial de Igrejas, qual é o relacionamento de sua Igreja?

Nossa Igreja é membro do Conselho Mundial de Igrejas. Está arrependida? Não. Se a renovação fosse anual, anualmente renovaríamos a nossa filiação. Achamos que o Conselho é um organismo cheio de falhas. Uma vez o Dr. Eugene C. Blake, ex-secretário geral, me perguntou: "Rev. Mello, em que percentagem o senhor aprova o Conselho Mundial de Igrejas?" Eu respondi 60%, e ele disse: "Fico admirado, porque eu talvez não aprovasse tanto". O CMI é um lugar de diálogo. Nossa Igreja no CMI se considera opositora a muita coisa, não estamos batendo palmas a tudo. No entanto, através do CMI, temos tido uma tribuna para divulgar o movimento pentecostal e representar o nosso pensamento. O ecumenismo, meus amigos, tem muitos defeitos. Perfeito só é o Evangelho. Mas entre o ecumenismo e o fundamentalismo de um tal de Sr. McIntire eu diria que no ecumenismo muita coisa é bíblica e no fundamentalismo

MOVIMENTO ECUMÊNICO. CONSELHO MUNDIAL.
 CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS.
 CONFEDERAÇÃO EVANGÉLICA.

quase nada. Jesus um dia falou assim para os fundamentalistas de sua época: cuidado, porque as prostitutas entrarão no reino primeiro que vocês. Antes de se condenar o ecumenismo deve-se examiná-lo como eu fiz durante dez anos para aceitá-lo. Mas eu estava dizendo que não aceito tudo. Nem da minha igreja eu aceito tudo. No Movimento O Brasil para Cristo nós temos liberdade de consciência, apenas não discutimos a fé em Jesus. Aceitamos o Movimento Ecumênico liderado por Genebra, onde se assentam na mesma mesa, para dialogar, o judeu e o árabe; o americano e o russo; o cubano e o brasileiro. Quem tiver boa mercadoria vence, quem tiver fraca perde. Jesus não se furto ao diálogo com fariseus, saduceus. Esteve na casa dos pecadores. Aceitou que lhe enxugassem os pés com os cabelos, os cabelos de uma prostituta, porque Simão, o representante do conservadorismo religioso de então, não lhe deu uma toalha.

CEI — Pastor, vamos mudar de assunto. Quais são as suas preocupações de ordem teológica no momento?

As minhas preocupações teológicas — isto até causa alergia para um pentecostal — são as que eu já acabei de expor. O nosso relacionamento teológico deve ser todo calcado nos Evangelhos e nas Cartas dos Apóstolos. A nossa preocupação teológica é não confundir a palavra sagrada do evangelho com os dogmatismos dos homens.

Nossa Igreja rejeita fórmulas dogmáticas que venham para enfeitar o Evangelho, que não precisa de enfeites, nem precisa ser recauchutado. Temos muito medo quando as igrejas deixam as preocupações bíblicas pelas teológicas e, partindo destas, entram num emaranhado de leis que as transformam mais em tribunais inquisitoriais.

CEI — Missionário, um de nossos companheiros esteve numa celebração ecumênica e foi convidado a participar da comunhão. Disse que só aceitaria se fosse com os dois elementos. Deram-lhe a comunhão com o pão e o vinho. Foi, segundo ele, uma experiência admirável. Que acha, Missionário?

Este problema de intercomunhão é exatamente de ordem teológica. Nosso ecumenismo ainda está engatinhando apenas na esfera do diálogo. Eu nunca comunguei numa Igreja Católica. Na minha Igreja muitos católicos devem comungar porque eu só aviso que participem os que estão em comunhão com as suas igrejas. Agora eu ir a uma reunião com padres e até batistas, metodistas, presbiterianos, ainda não cheguei a isso. Acho que é problema para a congregação local. Cada congregação tem seus hábitos seus modos. Se um cardeal visita minha congregação vai ver que o povo canta e bate palmas e até os pés. Ele não é obrigado. Se não fizer isso não ofende. Eu não tenho interesse em entrar em pequenos detalhes de outras comunidades. Se eu estou numa igreja, eu sou novo, pertencço à congregação. Eu tenho amor e interesse pelo bem-estar de meus irmãos casados. Se vou às suas casas não fico me metendo em seus detalhes de vida rotineira. Acho que o ecumenismo não deve se

COORDENADORIA ECUMÊNICA DE SERVIÇO.
ADMIRÁVEL ESFORÇO ECUMÊNICO BRASILEIRO.

(CESE)

meter nas intimidades doutrinárias das igrejas... O ponto número um do ecumenismo deve ser o respeito entre as igrejas e o encontro para a transformação do país numa Nova Comunidade que tenha fundamentos cristãos. Acho que nosso testemunho ecumênico deve ser dado diante das massas. Quanto a participar de celebrações, e batismos, e casamentos, eu penso que se houver algum ponto entre nós que seja motivo de escândalo, não faça. As diferenças doutrinárias poderão durar muito, podem até acabar, mas isso não deve impedir que haja uma verdadeira solidariedade cristã entre os vários grupos.

CEI — O Missionário falou ai em casamento. O Sr. realiza casamentos mistos em sua igreja?

Nós temos moças casadas com rapazes católicos e vice-versa. Eu na minha igreja faço casamento de moça ou rapaz de minha igreja com ele ou ela que seja de outra ou católico. Não tenho dúvida nenhuma.

CEI — E se o casal quiser ter a presença de um padre participando da cerimônia?

Permito para estar presente, para dizer algumas palavras e até, para fazer a cerimônia dele. Um padre de São Paulo e um frade do Rio já fizeram isto. Um me convidou para estar junto. Eu confesso que fiquei sem jeito e, na hora que ele levantou as mãos, eu levantei também. Agora o palavreado, ele fez sozi-

nho. Eu não sei fazer casamento junto com outro, nem padre nem pastor. Só sei fazer sozinho.

CEI — Muitos leitores sabem que se fundou a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço) com sede em Salvador, Bahia. O Movimento O Brasil para Cristo pertence a esse Organismo? Poderia dizer-nos alguma coisa?

Sim. Pertencemos. A CESE está tendo uma grande repercussão no Brasil. Não entra em minúcias doutrinárias. A CESE preocupa-se somente com a promoção do homem e sua integração na sociedade. Constituíram a CESE a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), a Igreja Episcopal do Brasil, a Igreja Metodista, a Missão Presbiteriana do Brasil Central e a nossa Igreja. Tem o apoio do Conselho Mundial de Igrejas. Mas as portas estão abertas para as demais Igrejas, basta aceitarem a filosofia da CESE, estampada em seus estatutos, acessíveis a todos. Antes da CESE, diversos grupos receberam de várias organizações mundiais somas fabulosas para projetos e esses fundos foram empregados, na sua maior parte, em construções nas áreas mais ricas do Sul. Eram templos, Escolas, Hospitais, mas em lugares errados. Então as Agências começaram a retrair-se. E se fez este admirável esforço ecumênico nacional, isto é, a CESE com uma nova filosofia. A CESE é brasileira, dirigida por brasileiros. sem ingerência de estrangeiros e esperamos que assim continue.

**CEI — Mas aceitam a ajuda.
E a ajuda não compromete?**

Só aceitamos a ajuda se ela não nos comprometer. Se a ajuda vier com endereço certo ou imposições, não aceitamos. Não. A CESE tem sua política nacional. Pois bem, a CNBB somente aceitou participar da CESE com a condição de ser igrejas nacionais. Ela descobriu que era

um esforço sério para promover os humildes. A CESE não tem padrão. Não tem liderança carismática. Este um dos motivos porque não aceitei a presidência da CESE senão provisoriamente. Porque eu sou considerado no Brasil e fora como líder Carismático. No momento está sendo presidida por um bispo metodista, tem um vice que é bispo católico mas podem ser outros.



No clichê, M. de Mello em conferência com D. Evaristo Arns, cardeal de São Paulo, vendo-se à direita J. Wright, secretário executivo da Missão Presbiteriana do Brasil Central.

Nas ilustrações anteriores:

Página 28: a equipe do CEI ao final da entrevista, recebendo, autografados, exemplares do Novo Testamento em linguagem popular.

Página 33: A equipe que entrevistou o chefe do Movimento o Brasil para Cristo visitando as obras do grande templo. Ao centro o engenheiro responsável.

DE COMO UMA MEXERICA MODIFICA UM DELEGADO MAU, UM PREFEITO FEIO E DE COMO SE FAZ QUINZE MIL PESSOAS BATEREM PALMAS E CANTAREM HINOS.

CEI — Sabemos que o Missionário tem grande experiência na comunicação de mensagens às massas. Que processos ou métodos costuma usar para conseguir tais resultados?

Eu sou um pregador sacrificado, porque tenho tido dificuldades em conseguir pessoas que me substituam nesse ministério particular. Agora eu não sei dizer quais são os motivos ou os processos de que eu me sirvo. Sei que entrando num banco, onde havia umas oito ou dez pessoas, *daqui a pouco todos estavam numa roda conversando comigo*. É maneira minha que eu tenho e não sei explicar.

CEI — Nessa maneira sua, o sr. tem alguma experiência mais interessante para contar?

Tenho. Há poucos meses atrás, no fim de julho eu estive na cidade de Tupã, interior daqui de S. Paulo. Anteriormente um pregador nosso tinha sido processado e preso porque estava pregando a cura e orando pelos enfermos. O delegado era católico muito carola, não gostou e abriu processo. Mandei preparar uma concentração para mim. O delegado soube. Eu pensei: será que ele vai prender Manoel de Mello? Fui pra lá. Um deputado quis acompanhar-me. Eu não quis. Pra não dizerem que não prendeu por causa do deputado. Fui apenas com um motorista porque eram 600 quilômetros

cansativos. Quando eu cheguei ao estádio de futebol, havia umas 15 mil pessoas lá dentro. À entrada, uns 10 soldados. Uma senhora vendia mexericas enquanto lá dentro o pastor cantava hincs e corinhos com a massa. Comprei meia dúzia de mexericas e havia um homem barrigudo perto. Eu me aproximei e lhe falei: Bom, já vi que o sr. não está muito apaixonado por qualquer regime alimentar senão não tinha uma barriga assim, tome uma mexerica. Aceitou a mexerica e ficou naquele papo comigo. Como é, veio assistir à reunião? — “Não, eu vim aqui para manter a ordem. Vai chegar aí um tal de Manoel de Mello não sei o quê, dizem que é curandeiro”. Comecei a brincar com ele. Soube que o delegado vai botá-lo na cadeia. Ele disse: “Mas eu sou o delegado!” Ele não sabia quem eu era. Pensava que sendo internacionalmente conhecido e essa coisa, eu viria acompanhado de pompa. E nisso ele já estava acabando de chupar a mexerica. Eu perguntei: O sr. conhece o tal pregador? — “Não, estou aqui aguardando, porque até querem jogar laranja podre nele.” Estávamos nessa conversa, quando vem, lá de dentro, uma comitiva de pastores, inclusive um deputado que estava lá sem ser esperado e vinha também o prefeito. Vieram e foram logo: “Mas o sr, por aqui?” Estou chupando uma laranja com o sr. Delegado. Ele, assustado perguntou: — “Mas o sr. é que é o missionário? Ah! me desculpe! Eu tinha

má impressão do senhor. Como o senhor é diferente!" Peguei o delegado e fui para o púlpito e ele bateu palmas durante o culto todo, no palanque. E eu arranjei um grande amigo. É assim que acontece comigo.

CEI — E como é que foi a reunião com o povo, o prefeito o delegado?

Separei os primeiros dez minutos para uma mensagem de cunho social. Apresentei o prefeito assim: "O prefeito local é um camarada feio, mas a mulher dele é linda de morrer." Em público virei-me pra mulher dele: "A senhora é esposa deste homem aqui?" Claro que eu disse isto com jeito se não ele mandava me prender. Ela respondeu no microfone: "Sou." No que ela disse scu, eu imediatamente: "Mas com essa cara? Ele é horroroso!" Aquelas 15 mil pessoas começaram a rir e eu fiz um relacionamento dali por diante com aquela multidão que ninguém segurou mais. E veio o culto. Todo mundo cantou e vibrou. Quando acabou a reunião, ficamos ali, eu, prefeito, delegado, deputado, povo pedindo autógrafa mais de uma hora. Quer dizer, ganhamos o povo. No fim da reunião eu disse: "Agora vocês vão às igrejas. A mais próxima é a do padre. Nós o convidamos, mas ele não quis vir. Depois vão à presbiteriana, à batista e, a mais pobre que tem aqui é a minha, fica mais longe. Se não têm outra para visitar, vão à minha, que é a igreja dos pobres." Não há um método. É na hora assim uma coisa que Deus dá e que eu não sei explicar. Hoje é assim, amanhã já é diferente. Só sei que eu consigo transformar um auditório heterogêneo numa só religião de adorar e buscar a Deus.

CEI — O sr. soube da acusação feita ao evangelista Billy Graham sobre a guerra do Vietnã e Laos e da resposta dele?

Soube. Não gostei. Ele andou dizendo que não era profeta do Antigo Testamento mas do Novo Testamento, por isso não se meteu no assunto. Primeiro estranho que ele tenha feito essa distinção e oposição, quando sabemos que as duas Escrituras estão interligadas na palavra do próprio Jesus Cristo: "O espírito do Senhor está sobre mim..." (Leu Isaias e disse que aquela Escritura se cumpria ali, nele, Jesus). Estranho pois que ele não se enquadre no espírito dos profetas do Antigo Testamento que sempre foram denunciadores. Em segundo lugar, estranho também que ele, o grande evangelista, próximo que esteve de cinco presidentes, com acesso livre à Casa Branca, nunca se tenha manifestado ou nunca tenha procurado dissuadir os governantes dos caminhos da política intervencionista norte-americana. Acho que ele comprometeu o Evangelho não tendo uma palavra certa naqueles momentos de tensão. **Por isso quero valorizar o trabalho da equipe do CEI. No começo diziam que era fogo de palha, que não ia vingar, mas vingou. Valorizar, porque tem sido uma tribuna cristã, denunciante e corajosa, em missão tipicamente ecumênica e que me ofereceu suas páginas. Isto eu agradeço.**

Creemos em Deus Pai,

Que criou o mundo inteiro,
Que reunirá todas as coisas em Cristo
E quer que todos os homens vivam juntos,
Como irmãos em uma mesma família.

Creemos em Deus Filho,

Que se fez homem, que morreu e ressuscitou
Glorioso, reconciliando o mundo todo com Deus,
Derrubando todos os muros que separam os homens,
Todas as barreiras de religião, de raça, de cultura
ou de classe,
A fim de criar uma humanidade unida.
É o único Senhor que tem autoridade sobre tudo.
Chama ao mesmo tempo cada homem e a sociedade,
E ao mesmo tempo a Igreja e o Estado,
À reconciliação, à unidade, à justiça e à liberdade.

Creemos em Deus Espírito Santo,

Que é a promessa do Reino de Deus que vem,
Que nos dá o poder de anunciar o juízo de Deus
E seu perdão para os homens e as nações;
De amar e de servir a todos os homens;
De lutar pela justiça e pela paz
E de chamar o mundo inteiro a
Reconhecer aqui e agora o Reino de Deus.

VOCÊ RECEBEU EM 1973:

- 12 números do CEI (notícias)
- 6 números de BÍBLIA HOJE (estudos bíblicos)
- 6 documentos (pronunciamentos oficiais)
- 4 suplementos (revistas)
- 1 livro ("LIBERDADE E FÉ") com 136 páginas

NUM TOTAL DE 586 PÁGINAS IMPRESSAS

Tudo numa só assinatura de Cr\$ 25,00 das
publicações de

TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

VOCÊ RECEBERÁ MUITO MAIS EM 1974

Renovando a sua assinatura. Ela lhe custará
apenas Cr\$ 30,00

Aos que nos devolverem o formulário com o cheque correspondente,
nós enviaremos pela volta do correio, como bonificação, com mais
de 260 páginas o

LIVRO DE CONFISSÕES

EDIÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA UNIDA DOS EE. UU.

Cheques pagáveis na Guanabara, em nome de

TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.

CAIXA POSTAL 16082 — ZC-01

20000 RIO DE JANEIRO, GB